

REVISTA DO CENTENÁRIO



**Do coração de
São Gaspar Bertoni**

100 ANOS



se acendeu uma luz para o Brasil

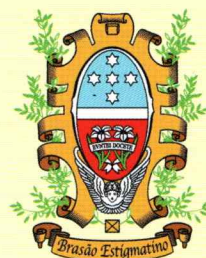
**Revista Comemorativa
do centenário da chegada
dos Estigmatinos ao Brasil**



1910 - 2010



Apresentação



Na comemoração do Centenário da chegada dos estigmatinos ao Brasil, foi programada a edição de uma Revista comemorativa.

Com muita satisfação apresentamos aos distintos leitores, em sinal de homenagem e gratidão aos destemidos pioneiros estigmatinos, que deixaram sua Pátria a Itália e vieram implantar no solo brasileiro o lábaro esplendoroso do espírito e do carisma de São Gaspar Bertoni.

Embora tenha sido grandiosa a façanha estigmatina, a singeleza desta Revista deseja prestar uma justa homenagem aos três intrépidos desbravadores e estender nosso gesto aos demais, que vieram reforçar e dar estabilidade à grande proeza missionária.

A Revista poderá servir para uma boa recordação de nossos abnegados confrades e se tornar uma memória estimulante aos presentes e aos vindouros, para enfrentar e superar as mais desafiadoras circunstâncias nos trabalhos apostólicos e missionários.

Queremos, no calor deste centenário, elevar a Deus um preito de gratidão pela singular figura de São Gaspar Bertoni, por sua eficiente atuação na Igreja em Verona, pela Congregação estigmatina por ele fundada e pela brilhante presença de seus filhos em terras brasileiras, levando a milhares de corações, nos mais diferentes rincões, a mensagem salvífica do grande Mestre Jesus Cristo.

As nossas duas Províncias brasileiras estão em festa e jubilosas e, nesse espírito, por intercessão de nossos Santos Patronos, Maria e José e do Santo Fundador São Gaspar Bertoni, pedem a Deus luzes, graças e bênçãos, para o aumento de vocações estigmatinas, no intuito de favorecer a continuação da grande empreitada iniciada em 1910 pelos nossos queridos e admirados missionários estigmatinos.

A Comissão do Centenário.



Roma, 16 de abril de 2010.
Festa dos Sagrados Estigmas

Caríssimos Confrades,

Quando na vida se encontra alguém que atingiu a veneranda idade de 100 anos, ele é admirado com simpatia e com afeto e também com certa curiosidade.

Parece-nos que grandíssimas sejam a experiência e a sabedoria que aquele homem ou aquela mulher conseguiram acumular, com o correr do tempo e as lembranças que eles podem nos transmitir e mesmo se perdendo ao longo da história, acordam a nossa atenção.

Com esta simpatia, afeto e curiosidade queremos celebrar o Centenário da chegada de nossos confrades estigmatinos ao Brasil.

Revendo os documentos, as crônicas e as fotos, que temos, sentimos o coração se encher de emoções e de admiração, descobrindo no bojo dessa longa história, como guardados em um precioso escrínio secreto, as aventuras, os sacrifícios, as alegrias e as dores do longo caminho apostólico deles.

Os primeiros estigmatinos vieram da Europa e deixam para nós seus fulgurantes exemplos. Agora a realidade estigmatina felizmente está constituída por confrades brasileiros, chilenos e paraguaios. O Carisma dos Missionários Apostólicos ao longo do tempo fez penetrar sempre mais o sinal do óleo no sertão brasileiro. Nasceram as duas Províncias, a de Santa Cruz e a de São José: surgiu depois a Delegação Chilena e com ela está se consolidando a nossa presença no Paraguai. Devemos agradecer ao Senhor aos Santos Esposos e a São Gaspar por esta videira fecunda, que está produzindo seus copiosos frutos na vinha do Reino de Deus.

Concluindo-se estas celebrações centenárias, brotam-nos do coração não somente o agradecimento pelo que nossos antigos Padres realizaram, mas também a vontade e o desejo de todos nós hoje, todos juntos, sermos os continuadores dessa maravilhosa e providencial história da nossa família religiosa estigmatina em terra brasileira.

Com afeto em Bertoni,

Pe. Andrea Meschi, CSS
Superior Geral



Desejo saudar a todos os confrades estigmatinos, especialmente os da Província Santa Cruz e os da Província São José, que fizeram e continuam fazendo parte da história deste Centenário!

A presente Revista tem por finalidade registrar essa história dos cem anos da caminhada estigmatina no Brasil (1910-2010), que teve início com a chegada dos três primeiros estigmatinos italianos: Padre Alexandre Grigolli, Padre Henrique Adami e Irmão Domingos Valzacchi. Eles fundaram a primeira Casa na cidade de Tibagi-PR, localidade e região de amplo campo missionário.

A partir daí, com a vinda de outros estigmatinos italianos, foram sendo assumidas novas Casas e obras que, fatos e fotos, aqui registrados, procuram destacar como sendo momentos significativos dessa presença, e justificar o trabalho árduo e firme desses pioneiros, que não mediram esforços, para fazer germinar o desejo de São Gaspar Bertoni, Fundador da Congregação Estigmatina: “Dispostos a ir a qualquer lugar, na diocese e no mundo”.

Ou, em outras palavras: “O grande coração do nosso Pai [Gaspar Bertoni], plasmado no de Cristo, desejava ardentemente a conquista do mundo inteiro, e o mundo inteiro quis que fosse o campo de ação apostólica dos seus filhos, os estigmatinos”.

De fato, as duas Províncias estigmatinas brasileiras continuam vendo florescer, com a graça de Deus, novas vocações missionárias, que deverão, num futuro próximo, contribuir cada vez mais não somente a favor da Igreja no Brasil, mas também da Congregação no mundo todo, mediante: Missões Populares, com a criação de Paróquias permanentemente missionárias e catequéticas; o surgimento e crescimento da Juventude Estigmatina; organização da “Família Bertoniana” (FABER), através de Congressos, Encontros, reuniões formativas de leigos e leigas, engajados (as) na vivência de nosso Carisma estigmatino e de nossa Espiritualidade bertoniana.

Este Centenário torna-se, portanto, momento de afirmação e reafirmação de nossa estigmatinidade na linha do Carisma: “Missionários Apostólicos a serviço dos Bispos”, para a edificação do Reino de Deus.

Graças a Deus, como Superior Provincial, da Província Santa Cruz, tenho a grande alegria de estar neste encargo exatamente no ano do Centenário e poder partilhar com todos os confrades, leigos e amigos estigmatinos, o júbilo e esperanças dessa caminhada estigmatina!

Seja-me permitido finalizar com o expressivo lema do Centenário “*Do coração de São Gaspar Bertoni se acendeu uma luz para o Brasil*”! Uma luz de fé, esperança e amor, que possa levar os estigmatinos, e todos os que fazem parte de nossa história, a um futuro repleto de novas e oportunas realizações!

Padre Aparecido Neres Santana, CSS

Superior Provincial da Província Santa Cruz.



Prezados Confrades, saudações em Cristo e Bertoni!

“Em tudo daí graças ao Senhor...” (1 Tes. 5,18)

É com esse sentimento de gratidão que nos dirigimos a todos os confrades das Províncias Santa Cruz e São José, bem como a toda Congregação e aos amigos e Leigos Estigmatinos para felicitá-los, através da Revista elaborada, para celebrar o Centenário da chegada dos primeiros Estigmatinos em terras brasileiras.

De fato, temos motivo de sobra para louvar e agradecer a Deus. Por isso, louvamos e agradecemos a Deus pela audácia, persistência e coragem dos primeiros Estigmatinos que aqui chegaram, vindos da longínqua VERONA-ITÁLIA. Louvamos também, por todos os outros que assumiram com brilhantismo, a continuidade dessa obra, a Congregação Estigmatina, que sob a inspiração do Espírito Santo, foi fundada por São Gaspar Bertoni, há 194 anos atrás.

Como diz o ditado: “recordar é viver“, as duas Províncias brasileiras procuraram manter viva a memória deste acontecimento, celebrando com afínco, através de muitas atividades, encontros, missão, retiros, todos voltados para o Centenário.

Iniciamos as comemorações do centenário, em setembro de 2009, com a realização do Iº Encontro Interprovincial de Leigos/Leigas e Estudantes, ocorrido na cidade de Luziânia, GO. Em seguida, no fim de novembro e começo de dezembro, tivemos a graça de retornar à Cidade de Tibagi, PR, e naquela que foi a primeira Comunidade e Paróquia Estigmatina no Brasil – Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, reviver de perto, mesmo passados alguns anos, um pouco da experiência vivida há cem anos por Pe. Henrique Adami, Pe. Alexandre Grigolli e o Irmão Domingos Valzachi.

Com certeza, foi uma experiência ímpar, vivenciada por um grupo de missionários, formado por Padres, leigos/leigas, estudantes e religiosas, pois eles tiveram condições de estar nos lugares e comunidades, onde os primeiros estigmatinos estiveram, de fato eles atenderam o apelo do Carisma para ir a qualquer lugar do mundo e anunciar com firmeza, testemunhar com coragem a difusão do Carisma de São Gaspar Bertoni.

Somos eternamente gratos a Deus, citando o apóstolo Paulo (1 Tm 1,12), que deu força e coragem aos primeiros Estigmatinos, que deixaram seu País, atravessaram o Atlântico, e aqui chegando deram continuidade à obra iniciada por São Gaspar. Agradecemos também a todos os demais estigmatinos, que ao longo desses cem anos, continuaram e continuam levando em frente a missão estigmatina.

Parabéns para todos nós!

Padre Eriberto Xavier dos Santos, CSS

Superior Provincial da Província São José.

A Saga de Uma Fundação

Desde o ano de 1886 houve várias tentativas, para a realização de uma fundação de casa estigmatina no Brasil. Principalmente houve uma, por meio do Cardeal Luís de Canossa, quando foi oferecida uma fundação em Cuiabá, Mato Grosso, com magistério e direção de um Seminário. Mas por várias circunstâncias a proposta não foi aceita.

Em 1897 o Bispo Gonzales do Rio Grande do Sul, além de cartas foi pessoalmente até Verona para falar com o Superior Geral Pe. Pio Gurisatti. Apesar da boa disposição, no final a vinda ao Brasil não se concretizou.

Em 1905 o Bispo de São Paulo, D. José de Barros, por sugestão dos Missionários de São Carlos pedia três padres para sua diocese. A localidade oferecida na ocasião era a cidade de Campinas, que pertencia à diocese de São Paulo.

Em 1906 o mesmo Bispo D. José de Barros em Milão, lamentou o fracasso anterior e renovou o pedido que foi aceito, mas como o Bispo faleceu na sua viagem de retorno pelo naufrágio do navio Sírio, os Superiores se julgaram desobrigados do compromisso assumido.

Sucedeu ao Bispo falecido seu secretário que o acompanhara na Viagem à Itália, D. Leopoldo Duarte Silva, o qual em 1907 escreveu ao Superior Geral para tentar efetivar a fundação já antes combinada, oferecendo um dos melhores lugares da diocese. Apesar da boa vontade demonstrada a fundação não se concretizou.

De uma forma inusitada e estranha surgiu a ocasião favorável para a fundação estigmatina no

Brasil, ficando então patente a mão da divina Providência.

Apresentou-se em Trento um sacerdote chamado Sanson, que afirmava ter sido enviado pelo Bispo de Mariana, Minas Gerais, com a incumbência de conduzir um grupo de italianos até a cidade de Sete Lagoas, Minas Gerais, afirmando que tudo estava sendo feito com a aprovação do Governo brasileiro. Ele pedia, então, a permissão para levar alguns padres estigmatinos, com a finalidade de cuidar pastoralmente da colônia italiana e de um pequeno seminário, que seria aberto

naquela localidade. Ele já havia espalhado pelo trentino uma circular, que trazia a aprovação do Bispo de Mariana¹. A aparência e os modos daquele sacerdote não despertavam confiança e davam motivos para sérias dúvidas sobre a veracidade do fato. Contudo a mão da Providência queria se aproveitar dessa engenhosa oportunidade, para transportar a semente estigmatina para o solo brasileiro. O Pe. Balestrazzi, encarregado pelo Superior Geral, Pe. Pio Gurisatti, dirigiu-se ao

Ministério do Exterior, para colher melhores informações e ainda pedir um auxílio para a viagem. O Comissário para a emigração comunicou-lhe que desde 1902 estava proibida a emigração gratuita para o Brasil, por causa das péssimas condições em que se encontravam os colonos italianos naquele País e ainda alertou que tinha obrigação de denunciar às autoridades judiciais os que tentassem ajudar a emigração gratuita para o Brasil.



¹ Carta: "Revmo. Sr. é grande o desejo do Exmo. Bispo de Mariana, Estado de Minas Gerais, Brasil, em fundar sob a jurisdição de sua Arquidiocese, uma Colônia Agrícola, junto à cidade de Sete Lagoas e um pequeno Seminário destinado à educação e instrução dos jovens que se preparam para o sacerdócio. Ele deseja que esta Colônia seja formada por famílias de cidadãos trentinos, os quais, isto se pode dizer de bem a seu respeito, mostram-se sempre bons cristãos, na Província brasileira onde vieram a instalar-se, como por exemplo, Nova Trento, Caias, Zemitá, habitadas na sua grande maioria pelos imigrantes trentinos. Para agilizar tão louvável projeto, este humilde subscrito foi enviado a Trento, onde, exposto a sua Alteza o Príncipe Bispo a sua missão, e as condições oferecidas às famílias, obteve a sua aprovação e a sua bênção. As condições oferecidas em comum acordo com o Arcebispo de Mariana e o Governo Brasileiro são: 1º - Viagem gratuita às referidas famílias desde o lugar de sua residência até o destino; 2º - A cada família dar-se-á gratuitamente uma área de terra de no mínimo 200.000 m², com a frente de 250, estendendo por mais de 1 km; 3º - Na propriedade, cada família terá uma casa com pelo menos quatro cômodos e cozinha; 4º - Cada família terá alojamento gratuito por pelo menos seis meses, isto é, até a primeira colheita, recebendo diariamente cada família 2.000 Réis, equivalente a três ou quatro Coroas; 5º - Dar-se-á a ajuda necessária para o primeiro plantio, isto é, utensílios agrícolas, sementes, etc.; 6º - Será garantida a venda dos produtos nos mercados próximos e nas melhores condições; 7º - Os colonos terão assistência religiosa e médica, também esta gratuita, pelo menos nos primeiros anos, até que a Colônia tenha conseguido uma certa independência; 8º - Para todos os efeitos, todo matrimônio será considerado como uma família constituída; 9º - Os colonos serão considerados proprietários de suas terras, pagando uma indenização pelas despesas feitas quando da fundação da Colônia, indenização que será em torno de 3.000 coroas, a serem pagas no período de cinco a oito anos, conforme a possibilidade e a vontade do colono; 10º - Quitada esta indenização, o terreno e todo o produto passarão para a exclusiva e absoluta propriedade do colono; 11º - Antes da quitação, a propriedade do terreno será provisória, não dispondo o colono, portanto, do direito à venda da sua propriedade; 12º - Junto à Colônia, será construído um Colégio e uma Escola, sob a direção de sacerdotes. (Em Nota: "com toda certeza, serão os padres estigmatinos [Bertonianos]", que atenderão espiritualmente os colonos e se dedicarão também à educação e instrução dos seus filhos, encaminhando ao sacerdócio aqueles que demonstrarem vocação. Peço a Vossa Senhoria considerar tudo quanto acima foi exposto: caso existam na sua Paróquia Famílias dispostas a partir com as condições acima, peço o favor de me comunicar imediatamente em Rorai Grande, Pordenone (Udine), a fim de que eu me prepare. Estarei ali até o próximo 20 de outubro, e ficarei muito feliz em acompanhar estas famílias quando eu retornar para o Brasil. Diante da necessidade e da vontade de emigrar de qualquer família da sua Paróquia, permita-me dizer-lhe em aconselhar estas famílias a irem para a Colônia acima referida, no Brasil, muito mais do que ir para a América do Norte. No Brasil, sob a proteção do Bispo e dos párocos, terão, seja do lado material como espiritual, o melhor que humanamente se pode prometer a eles, e isto será uma grande vantagem para as famílias emigradas da sua Paróquia. Certo do seu interesse neste assunto, esperando um aceno de que tenha recebido esta Carta, reverencio sua pessoa e me confesso devotíssimo, Padre Teophilo Theodosio Sanson, Vigário de Sete Lagoas, Arquidiocese de Mariana - Brasil. (Vem a seguinte aprovação): O pedido do Egrégio Sacerdote, encarregado do Arcebispo de Mariana, no Brasil, posso atestar pelos documentos aqui apresentados a confiabilidade das propostas e a seriedade das pessoas que promovem esta ação, acima de qualquer suspeita. Trento, 19 de setembro de 1910. + Celestino, Bispo".

Apesar de todos esses contratemplos, o Conselho Geral achou por bem aceitar o pedido para uma fundação no Brasil e indicou para tal tarefa o Pe. Alexandre Grigolli, de 29 anos, o Pe. Henrique Adami, de 27 anos e o Irmão Domingos Valzacchi, de 42 anos².

Como eles não podiam partir de um porto italiano, ficou combinado que sairiam do porto de Trieste (então sob o domínio da Áustria). Dessa forma, com grande confiança e elevado idealismo, partiram do porto de Trieste, no dia 10 de novembro de 1910. É bom esclarecer que, naquele tempo, para sair do País não era exigido o passaporte ou qualquer outro documento semelhante. Ainda convém recordar que as naves eram bastante primitivas e não havia o devido conforto nas acomodações. Além dos alimentos normais, levavam no navio certo número de gado, para a carne, uma vez que não possuíam na nave os modernos frigoríficos.

A viagem foi, então, longa e cheia de peripécias e por fim puderam chegar ao Rio de Janeiro, no dia 02 de dezembro de 1910. Ali chegando ficaram meio perdidos, procuraram se comunicar de alguma forma e conseguiram orientação para se dirigirem à cidade de Sete Lagoas.

Em Sete Lagoas saíram à procura do anunciado assentamento e do prometido seminário. Depois de três horas a cavalo, chegaram no meio de um mato selvagem e encontraram uma casinha de madeira, com apenas dois quartos, uma outra casa velha de barro, caindo aos pedaços e nada mais. Sem conhecer a língua,

num local desconhecido e praticamente abandonado a si mesmo, sentiram grande decepção ao verificar que nada existia do que fora anunciado pelo Pe. Sanson. Seus pensamentos voaram para a Pátria distante, sentiram um profundo vazio e se recordaram dos confrades italianos e dos entes queridos e uma nuvem negra os envolveu, dificultando qualquer tentativa de solução. Diante da situação Pe. Alexandre escreveu esta carta ao Pe. Pedro Scotton³. Felizmente não se desesperaram, nem esmoreceram, souberam enfrentar a situação desalentadora, com grande confiança em Deus, na sua Divina Providência e na certeza da proteção do Pai Fundador Gaspar Bertoni.

Pe. Alexandre e Pe. Adami se dirigiram, então, para Mariana, a fim de se encontrar com o Bispo. O Bispo era D. Silvério Gomes Pimenta, negro e muito culto, qualidades essas que impressionaram profundamente os recém chegados. Abriram seus corações ao Bispo, lhe contaram suas histórias e peripécias e também das famílias italianas vindas com eles. O Bispo afirmou que nada sabia do que fora realizado pelo Pe. Sanson, ficou maravilhado e até comovido e prometeu ampará-los. Pe. Grigoli na ocasião foi até nomeado “Vigário de Sete Lagoas” e seguiu para Sete Lagoas. Do Irmão Domingos não tinham notícia, porque ele ficara no Rio e sem mais encontrar o Pe. Sanson, tomou o trem errado e foi parar em Belo Horizonte, com as malas de todos. Só conseguiu se encontrar com Pe. Grigolli em Sete Lagoas, quatro dias depois.

² Há ainda a Carta do Pe. Sanson ao Pe. Grigolli: (a data talvez seja de 29 de setembro). Revmo. Padre Grigolli, estando aqui em Trento, tive ocasião de falar novamente com o Revmo. Padre Pio Gurisatti que me expôs algumas das dificuldades citadas pelo Senhor quanto da implantação da Missão no Brasil. Em relação ao seu receio, peço-lhe creia na minha honrada palavra de sacerdote: nada, mas nada há do que o senhor possa temer. O Colégio a que o senhor e seus companheiros estão sendo destinados não há nenhuma ligação com a colônia e não depende em modo algum do êxito do Colégio. São duas fundações de caráter distinto e inteiramente independentes. O Colégio não se destina somente à educação dos filhos dos colonos: receberá a estes, mas não são estes que devem dar vida ao Colégio, que será implantado na cidade, numa Colônia. O Colégio terá o seu futuro garantido: trata-se de uma zona vasta e populosa onde não existem outros colégios. Eu propus a construção do Colégio no centro da Colônia, um lugar distante apenas 6 ou 7 minutos da cidade com a ferrovia, ao invés de ser na cidade, porque assim me parece que o Colégio terá meios mais fáceis de vida e mais facilidade e maior campo para se desenvolver. Os padres, quando estiverem no local, verão aquilo que melhor deva ser feito, entendendo-se diretamente com o Arcebispo, que é um santo e que será o primeiro a querer que a vossa fundação tenha um futuro certo depois que estiverem entre nós. Ao chegar à minha paróquia, se lhe parecer inconveniente o lugar ou não lhe agradar, não faltará na Arquidiocese outro lugar onde poderão se fixar: eu não nutro interesses pessoais que não sejam o bem das almas. A minha missão aqui não é a de um pároco vindo procurar Religiosos para o seu próprio cômodo, nem servir-se da posição para fazer propaganda pessoal: venho investido de todo poder do Arcebispo, para tratar de interesses da Arquidiocese, entre os quais está este que se refere à Fundação destinada aos senhores. O Revmo. Pe. Superior Geral teve ocasião de ver as minhas credenciais. Trata-se de algo muito sério, o senhor pode ir com toda segurança. Em relação à paróquia, claro que eu deseje a vossa colaboração, mas jamais a imporei a vós e aos capelães; eu aceitarei este ministério somente quando me disserem que possam me fazer o serviço por eles mesmos (...). De forma alguma e em momento algum os que forem se limitarão a serem apenas dois coadjutores. Outra e mais importante é a missão deles, na qual eu jamais interferirei a não ser para favorecê-la. Esperando assim que todos os seus temores agora desapareçam e confiante em Deus se prepare a vir comigo. Confesso-me. Amigo e servo devotíssimo, Padre Teophilo Sanson. PS. Revmo. Pe. Alexandre, tenha a bondade de me perdoar a péssima caligrafia e talvez a confusão dos pensamentos desta Carta, que foi escrita muito depressa, pois estou em viagem e sem tempo para copiá-la, desejoso que o Senhor a recebesse o mais rápido possível, para apaziguar suas dúvidas e titubeios. Espero, torno a dizer que se tranqüilize e, alegre e confiante em Deus prepare-se para esta grande obra, a próxima fundação da sua Congregação no Brasil, certo de que em poucos anos esta fundação se tornará uma das mais importantes casas dos Estigmatinos. Eu estou tão certo disto como destas linhas que lhe escrevo. Aproveito a ocasião para lhe avisar que já marquei a partida para o dia 10 de novembro, conforme lhe informará também o Revmo. Padre Geral. Renovando-lhe os meus protestos de estima, confesso-me. Amigo e Servo devotíssimo. Padre Teophilo Sanson. Escreva-me no endereço de Rorai Grande de Pordenone (Udine).

³ Revmo. e Caríssimo Pe. Pedro Scotton. A maior vergonha com contornos de infâmia e de sujeira! Lembra da carta que eu escrevi ao Superior expondo-lhe as minhas dúvidas a respeito do indivíduo e da obra que dizia representar? Era escrita citando vários pontos e agora escrevo ao senhor, elencando os pontos da concretização das minhas dúvidas. 1º - Aquele padre é algo de inqualificável sob todos os aspectos; ele sabe cobrir-se de uma máscara de tanta hipocrisia que é capaz de enganar até o diabo: como é que o bispo pode confiar nele. Fala-se de mulher e filhos e tantas outras (infâmias), uma melhor que a outra! Fosse só isso! Trata-se de um mercador de carne humana para engordar sua bolsa e conseguir favores do governo brasileiro. 2º - Nós não encontramos absolutamente nada de tudo que estava prometido. 3º - O povo, sem casa, condenado a viver amontoado em cabana de ramos que tiveram que fazer pra si mesmos, para não dormir no mato, só não aconteceu uma desgraça porque o povo é muito bom. Ainda ontem, acompanhei um grupo de chefes de família que foram protestar junto daquele velhaco. Ele nem apareceu. O governo se ri, dizendo que estes italianos são muitos pretensiosos. Certas cenas de dor que não quero mais ver deste tipo. 4º - E último, durante a semana, partiremos para São Paulo. Se encontrarmos ali um lugar, ficaremos. Se não, voltaremos para a Itália e não nos envergonharemos de ninguém. Enfim, encontrei a felicidade, não é verdade? Ainda assim, se não fosse o tormento no coração em ver sofrer toda esta pobre gente, até que seria uma bela aventura!... Recomenda-me a Deus, e me considere sempre. Seu afetuossíssimo. Padre Alexandre.

Em Sete Lagoas, as famílias italianas se espalharam e três sobrinhas de Pe. Sanson e Ir. Domingos começaram a fazer a limpeza numa casa. Pe. Henrique sentindo-se só, desabafa seus sentimentos no choro. Porém afirma que não sentiu arrependimento e nem desejo de retornar a Itália. Ele dizia: “Deus quis, os Superiores nos escolheram para esta obra no Brasil e a obra tem que sair. Deus está conosco!”

Pe. Alexandre, sem falar com o Bispo, partiu para São Paulo, a fim de buscar novos horizontes. Em São Paulo se encontrou com o Pe. Luís Capra dos Escalabrinianos, na esperança de encontrar algum lugar para se estabelecer. Dessa forma os três ficaram separados. Pe. Alexandre em São Paulo, Pe. Adami em Mariana e Ir. Domingos em Sete Lagoas. O Pe. Adami se despediu do Bispo e seguiu para São Paulo, indo ao encontro de Pe. Alexandre, que estava hospedado num Orfanato dirigido pelos Escalabrinianos, no Bairro Ipiranga. Quando lá chegou Pe. Adami foi recebido pelo Pe. Faustino Consoni, escalabriniano, que muito ajudou nossos dois padres.

Pe. Alexandre buscava encontrar algum lugar, para poder consolidar a fundação e chegou até ir a Barretos-SP, mas nada se concretizava. Finalmente chegou a São Paulo o Superior Geral dos Escalabrinianos, o Pe. Domingos Vicentini, que antes fora estigmatino na Itália. Na ocasião ele prometeu aos padres ajudar a fundar a missão. No início foi oferecida uma paróquia em Florianópolis-SC, mas por diversos motivos não foi possível aceitá-la. Dias depois Pe. Vicentini comunicou que havia uma séria possibilidade de fundação na cidade de Tibagi, no Paraná. Lá estavam trabalhando os padres escalabrinianos, que iriam deixar o local, para trabalhar em outra localidade, Foi dito que lá poderiam criar uma Paróquia-Missão. Tibagi era sede de Comarca, tinha bom número de habitantes, embora dispersos pelos sertões, havia índios pertencentes a três ou quatro tribos. Pe. Vicentini e Pe. Alexandre partiram para Curitiba-PR, a fim de tratar do caso com o Sr Bispo, D. João Francisco Braga. Depois de dois ou três dias, Pe. Adami recebeu um telegrama que dizia: “Tibagi é nossa”. Pe. Adami e Ir. Domingos foram para a igreja a fim de agradecer a Deus.

No dia 28 de março de 1911, a uma e meia da tarde os três estigmatinos bateram à porta da casa paroquial de Tibagi e foram bem recebidos pelos padres escalabrinianos. Tibagi se encontra no Estado do Paraná, no Sul do Brasil. É sede de Comarca e conta com uns 42.000 habitantes, dos quais cerca de mil estão na cidade e os outros espalhados por Vilas e Bairros em

pleno sertão. Existem naquela região uns 18.000 índios das tribos Kainganghen, Coroados e Cajuhá. A missão se estende por 32.000 Km quadrados. De setembro a março o clima é um pouco quente, mas nos meses restantes é muito agradável o clima. Uma luxuriante vegetação alfombra o terreno, com todos os tipos de folhas, flores e frutos dos mais variados tipos. Na cidade existe uma igreja, não muito grande, feita de barro, um trabalho dos escravos. Há umas duzentas casas espalhadas num grande quadrado, cortado por ruas não calçadas e no centro há uma bela praça enfeitada de cinamomos. A igreja é rodeada de altas palmeiras e de um lado estão no alto três sinos. Em Tibagi existe uma meia dúzia de armazéns com todo o tipo de mercadoria. A correspondência chega a cada oito dias, trazida por uma carrocinha que vinha de Castro-PR. Não há luz elétrica, mas iluminação a gás. Não há água encanada e sim alguns poços públicos e alguns particulares. Os padres moram numa casa situada à esquerda da igreja. É uma casa de madeira, com quatro quartos, refeitório, uma cozinha com despensa. No fundo há um belo pomar, que desce até o rio. Há uma cocheira para os cavalos e outros animais domésticos. Antes de se retirarem do local, os escalabrinianos tratam da venda de tudo o que era deles para os estigmatinos. Os estigmatinos então, compraram a casa com seus pertences, os animais de sela e os domésticos, como cavalo, burro, galinhas, perus e porquinhos da índia. Além disso, adquiriram garrafas vazias e sacos de farinha de mandioca. Foi-lhes dado um bom prazo para saldar todos os débitos.

Firmados os papéis por ambas as partes, nossos padres iniciaram logo o trabalho paroquial na cidade e a atividade missionária no interior. Um padre ficava na cidade e o outro saía para o giro missionário. Depois faziam a inversão, enquanto o Ir. Domingos ficava com o padre da cidade. As viagens missionárias duravam de 15 a 40 dias, de acordo com a região e o trajeto era sempre feito a cavalo. O padre era acompanhado pelo sacristão rural, chamado Bonifácio. Faziam umas nove viagens por ano e nesse giro visitavam também os acampamentos de índios.

No dia 12 de dezembro de 1912 receberam um poderoso reforço, com a chegada de Pe. Ferruccio Zannetti, de 32 anos. No início de 1914 chegou também o Pe. João Batista Pelanda. Ele exerceu seu ministério em Tibagi-PR, Castro-PR, Limeira-SP e São Caetano do Sul-SP. Graças ao seu esforço e empenho a casa de Rio Claro não foi fechada e em consequência um novo grupo de estigmatinos veio para o Brasil, sendo um deles o Pe. Albino Sella, que teve uma atuação bastante

proeminente e também definitiva para a permanência dos estigmatinos no Brasil.

Para encontrar um lugar de maior recurso, principalmente em caso de doenças, resolveram tentar fundar uma casa no Estado de São Paulo. Mesmo com a ajuda dos escalabrinianos, nada conseguiram na cidade de São Paulo. Pe. Adami e um escalabriniano foram a Campinas, para falar com o Bispo D. João Néri, que lhes ofereceu a igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, em Limeira-SP. No dia 02 de julho de 1914, Pe. Adami e Pe. João Batista Pelanda tomaram posse da nova fundação em Limeira. Lá foram instalados no alto, nas tribunas da igreja. Em setembro de 1914, Pe. Alexandre veio até Limeira, para estudar a verdadeira situação dessa fundação. Após longa observação percebeu que não havia futuro naquele local e pensou em fazer uma outra tentativa, na cidade próxima de Rio Claro-SP. Conversando com o Pároco de Rio Claro, Mons. Francisco Botti, foi-lhes oferecida a igreja de São Benedito ou a igreja de Santa Cruz. Resoveram trabalhar na igreja de Santa Cruz. Meio na surdina deixaram Limeira e partiram para Rio Claro. Isso se deu no dia 05 de outubro de 1915. Em certo sentido a data de outubro de 1915 tem um cunho especial, assinalando Rio Claro como a base da fundação estigmatina no Brasil. D. João Néri veio de Campinas para dar posse da igreja e da casa à Congregação.

Em 15 de junho de 1919, Pe. Alexandre Grigolli vai à Itália, para participar do XVº Capítulo Geral. Em Rio Claro estão Pe. Pelanda e Pe. Adami e em Tibagi, Pe. Ferruccio Zanetti e Ir. Domingos.

Em dezembro de 1919, chegou uma carta do Superior Geral, Pe. João Batista Tomasi, intimando o fechamento da casa de Rio Claro e ordenando a volta de todos para Tibagi. Os padres não queriam acreditar em tão drástica determinação e foram enviadas várias cartas ao Superior Geral pelo Bispo, pelo Pároco de Rio Claro e até pelo Pe. Faustino Consoni lá de São Paulo. Depois de isso tudo, o Superior Geral, Pe. João Batista Tomasi e seu Conselho Geral deram sinal verde e deixaram no ar uma grande esperança. De fato aos 03 de novembro de 1920 chegam a Rio Claro Pe. Albino Sella, Pe. José Tondin, Pe. Cirillo Zadra e Irmão Carlos Valenti.

Pe. Albino Sella foi na verdade a alma da consolidação dos estigmatinos no Brasil. Um ano depois de sua chegada, lançou a primeira pedra da Escola Apostólica, em 11 de dezembro de 1920 e uns três anos depois já começou a funcionar o nosso primeiro Seminário, que floresceu, prosperou e formou grandes levas

de sacerdotes e irmãos. O Pe. José Tondin, com seu carisma de construtor, foi uma ajuda providencial para o Pe. Albino.

Nas crônicas de Tibagi consta o seguinte fato: Em 28 de junho de 1920, Pe. Ferruccio retorna de São Paulo trazendo um automóvel para Tibagi. Foi o primeiro automóvel a entrar na cidade.

No dia 18 de julho de 1921 chegam ao Brasil o Pe. João Maria Lona e o Pe. Fortunato Mantovani, reforçando assim o grupo estigmatino.

A pedido do Bispo de Curitiba, no dia 09 de fevereiro de 1922, os padres estigmatinos assumem também a Paróquia de Castro, PR, uma cidade não muito distante de Tibagi. Tibagi ficou unida à casa de Castro até julho de 1933, quando a casa de Castro foi fechada e daí em diante o Pe. Ferruccio Zanetti passou a residir sozinho em Tibagi. No início de 1934 a paróquia de Tibagi foi entregue aos Padres Redentoristas da América do Norte. Provavelmente a entrega foi feita no mês de março de 1934. Pe. Morelli afirma que Pe. Ferruccio permanece em Tibagi ainda por um mês, colocando em ordem o Livro de Batizados. De fato consta que no dia 04 de abril de 1934, o Pe. Ferruccio ali esteve, após ter entregue aos Redentoristas a casa de Tibagi-PR. Em agosto de 1934 o Pe. Fortunato Morelli retornou a Tibagi, para concluir a venda de nossas propriedades aos Redentoristas. Essa venda teve a aprovação de Roma. A lembrança de Tibagi ainda mora no coração dos Estigmatinos e na cidade há uma Rua com o nome do Pe. Ferruccio Zanetti.

Após a consolidação dos Estigmatinos em Rio Claro, eles procuraram se instalar em outras cidades e assim o fizeram. Alguns anos depois os padres sentiram um apelo especial, para buscar novos campos de trabalho e escolheram penetrar na parte interna de nosso vasto País. E assim com grande ânimo, muita coragem e boa disposição, nossos padres e irmãos partiram para essas distantes paragens, onde foram escrever belas páginas da história missionária estigmatina em terras de Minas Gerais e Goiás. Só para recordar fixemos as seguintes datas:

Chegada dos Estigmatinos a Ituiutaba, MG, em 18 de fevereiro de 1935. Chegada dos Estigmatinos a Uberaba, MG, em 21 de março de 1935. Chegada dos Estigmatinos a Morrinhos-GO, em 17 de junho de 1936.

Com o passar do tempo as Casas Estigmatinas foram se multiplicando pelo Brasil e no dia 23 de janeiro de 1944 aconteceu a criação da Província Estigmatina Brasileira de Santa Cruz, envolvendo todas as Casas

Estigmatinas do Brasil. O Superior Geral na ocasião era o Pe. João Batista Zaupa e o primeiro Provincial da Província Santa Cruz foi o Pe. Luís Maria Fernandes e os Conselheiros Provinciais foram: Pe. Albino Sella – Vigário Provincial, Pe. Osvaldo Missoni – IIº Conselheiro, Pe. Lourenço Correr – IIIº e Pe. Augusto Casagrande – IVº Conselheiro.

Depois de muita água correr debaixo da ponte, no dia 27 de novembro de 1979 foi criada a Província São José, compreendendo as Casas Estigmatinas existentes em Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal. O primeiro Superior Provincial eleito foi o Pe. Vicente Ruy Marot e como Conselheiros foram escolhidos o Pe. Antônio Fernando Brochini – Vigário Provincial, Pe. Alcides Spolidoro – IIº Conselheiro, Pe. Custódio José do Amaral – IIIº Conselheiro e Pe. Márcio Ivan Carneiro Gondim – IVº Conselheiro.

Em 1980 houve um alongamento da Província Santa Cruz, com a fundação de casa estigmatina no Chile. Na ocasião era Superior Provincial o Pe. José Luís Nagalli. Foram escolhidos para a fundação no Chile os confrades Pe. Devanir da Silva e Pe. Pedro Zappini. Os padres, acompanhados pelo Pe. Santi Capriotti, chegaram a Santiago em 20 de março de 1980.

Anos depois, Pe. José Bonomi, saindo do Chile, onde então trabalhava, para ir à Itália, passou por Assunção no Paraguai, onde conversou com o Arcebispo de Assunção, D. Felipe Santiago Benitez, que propôs uma fundação estigmatina no Paraguai. O Superior

Provincial da Província Santa Cruz, na ocasião, passando por dificuldade de pessoal, ofereceu a oportunidade ao Pe. Rubens Sodré Miranda, Superior Provincial da Província São José, que fez o possível e o impossível para realizar tal fundação. Após as tratativas iniciais com o Senhor Arcebispo, foi aceito o pedido e foi oferecida a Paróquia Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Villeta, situada a uns 36 Km de Assunção. Para tal fundação foram indicados o Pe. José Bonomi e o Pe. Custódio José do Amaral e a posse foi realizada no dia 01 de março de 1995, com a presença do Sr. Arcebispo D. Felipe Santiago Benitez.

No ano 2000, sendo Superior Provincial da Província São José o Pe. Antônio Fernando Brochini, foi feita a proposta da entrega da missão estigmatina do Paraguai aos cuidados da Província Santa Cruz. Após os devidos entendimentos e a aprovação, a missão do Paraguai foi entregue à responsabilidade da Província Santa Cruz. Assim a Província Santa Cruz passou a administrar todas as Casas Estigmatinas do Chile e do Paraguai.

Atualmente as duas Províncias brasileiras atendem várias regiões do Brasil e diversas localidades do Chile e do Paraguai.

Na comemoração do centenário da chegada dos Estigmatinos ao Brasil, podemos elevar até Deus um glorioso hino de gratidão, pelo grande bem desenvolvido pelos denodados estigmatinos, nas pegadas do querido Missionário Apostólico São Gaspar Bertoni.



Da esquerda para direita: Pe. Henrique Adami, Pe. João Batista Pelanda, Pe. Alexandre Grigolli, Pe. Fernando Zanetti e Ir. Domingos Valzachi

1910 2010



Pe. Henrique Adami, Pe. Alexandre Grigolli
e Ir. Domingos Valzachi.
Os três pioneiros que chegaram no Brasil
dia 2 de dezembro de 1910...



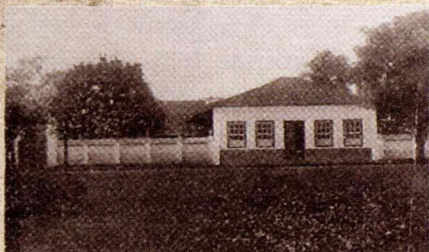
Dom João Braga
Bispo de Curitiba.



... e finalmente no dia 28 de março de 1911
chegaram em Tibagi.



Pe. Faustino Consoni, grande amigo dos
primeiros italianos chegados ao Brasil



Casa Paroquial de Tibagi no tempo
da chegada.



Pe. Domingos Vicentini - Superior Geral
dos Escalabrinianos (que foi Estigmatino) e
nos apresentou ao Bispo de Curitiba.



Pe. Alexandre Grigolli entre uns
índios catequisados no Paraná.

COLABORAÇÃO DO PE. BETTINI

ALGUNS ÍCONES DO ESQUADRÃO ESTIGMATINO QUE FINCARAM A BANDEIRA ESTIGMATINA EM TERRAS BRASILEIRAS.

PE. ALEXANDRE GRIGOLLI



Nasceu em Zevio, VR.: 04.08.1881
Entrou em Verona: 03.11.1892
Profissão Perpétua: 15.08.1897
Ordenado em Trento: 21.08.1904
Chegou ao Brasil: 02.12.1910
Faleceu em Verona: 17.02.1969



Trabalhou:

Alguns anos em Verona e Milão
Tibagi, PR, outubro de 1911 de 1915
Rio Claro, SP, outubro de 1915 a junho de 1919
Milão, 1919 a 1923 (Foi para o Capítulo Geral e ficou)
São Caetano, SP, 1924 a 1946.
Sezano, 1948
Affi, 1949 a 1951
Verona, 1952
Verona, A.M.B, 1953
Grottaferrata, Roma, 1956 a 1958
Candelara, 1959 a 1965
Verona, São Leonardo, 1966 a 1969

“Depois de conhecer a “traição” do padre que os trouxe da Itália, saiu em busca de um posto para se estabelecerem. Rodou por muitos lugares, recebeu respostas bruscas até que conseguiu Tibagi, PR.

Estigmatino autêntico, de virtudes não comuns, com seu exemplo e ardor apostólico, suscitava vocações sacerdotais e religiosas, consolidando-as depois com uma ascese eclesial.

Nas Missões de Tibagi... Pe. Alexandre foi um verdadeiro filho da Igreja, missionário sacrificado e zeloso. Aplicava suas qualidades de músico, professor, escultor, pintor, médico e poeta para o bem dos irmãos. Como o Apóstolo Paulo fazia-se tudo para todos, verdadeiro anunciador do Evangelho.

Filho fiel do Bem-aventurado Bertoni, sem paternalismo, incitava à evangelização, dando o exemplo sem medir sacrifícios, sempre com prudência e com a força do exemplo na observância regular.

Seu exemplo era um grande chamado para o serviço da Igreja, pelo amor ao Papa, para a disciplina levada até o heroísmo: tudo fruto de uma profunda vida interior.

Foi um homem super-atualizado, muito anterior ao seu tempo. Em 1965, após o Concílio Vaticano II, quando se tentava atualizar alguma coisa, na paróquia Sagrada Família em São Caetano, os antigos diziam: Pe. Alexandre já fazia isso no seu tempo.

Pe. Ézio Gislimberti diz: Como vigário e sacerdote foi verdadeiro pai e mestre que soube plasmar a alma, o coração e a vida de duas gerações.

Ao mesmo tempo era um verdadeiro artista em arquitetura, pintura e música; apesar de seus achaques trabalhou incansavelmente para levar ao fim a construção da primeira escola paroquial e da igreja. Ao mesmo tempo em que construía, procurava formar a igreja espiritual, cuidando das associações, que deveriam dar vida à comunidade religiosa.

Durante o tempo que Pe. Alexandre passou em São Leonardo, sempre notamos nele uma grande sede de “aggironamento” (ninguém jamais o

ouviu falar contra as novidades...), pela leitura dos documentos conciliares e comentários de revistas”.

(N. M. – Fasc. I – Vol. II – pgs. 436-438).

“Na solenidade da sexta-feira santa realizada na Matriz, no ano de 1923, foi benzida publicamente a Imagem do Senhor Morto, obra esculpida em madeira pelo Reverendíssimo Padre Alexandre Grigolli, que a deixou inacabada. O acabamento da mesma foi feito em São Paulo, para onde a levou o Padre Henrique Adami...

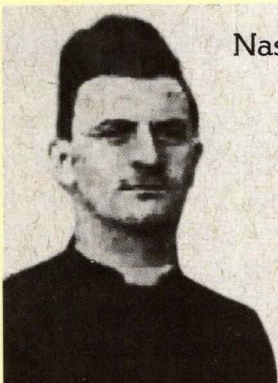
Verdadeiro mestre nas artes da escultura e do desenho a “crayon”, muitas obras de real valor

artístico deixou em Tibagi o Padre Alexandre, destacando-se entre elas a imagem de Nossa Senhora dos Remédios, feita em tamanho natural, que foi festivamente colocada no nicho externo, na parede frontal da Igreja Matriz e que está hoje no alto da nova Igreja. Há na cidade alguns retratos feitos a “crayon” pelo Pe. “Alexandre...” (pg. 170).

(*História de Tibagi* – Edmundo Alberto Mercer – Luiz Leopoldo Mercer, 1934).

(Observação: Na Cúria (Arquivo) temos uma cópia do livro).

PE. HENRIQUE ADAMI



Nasceu em São Máximo, VR: 16.11.1883

Entrou em Verona: 02.11.1897

Profissão Perpétua: 25.01.1905

Ordenado em Verona: 21.12.1907

Chegou ao Brasil: 02.12.1910

Partiu para a China: 18.10.1925

Faleceu em Verona: 23.09.1973



Trabalhou:

Depois de alguns anos de ministério na Itália, em 1910, com Pe. Alexandre Grigolli e Ir. Domingos Valzacchi veio para o Brasil.

Tibagi, PR, 1911 a 1913

Limeira, SP, 1914 a 1915

Rio Claro, SP, 1915 a 1919

Tibagi, PR, 1920 a 1923

Castro, PR, 1924 a 1925.

“No dia 16 de outubro de 1925 deixou a paróquia de Castro, PR, e acompanhado pelo Pe. Sílvio Segá, muito doente, e que se encontra em Rio Claro, SP, partiu para Santos, SP, de onde no “Duque d’Aosta” zarpou para a Itália, para reunir-se aos confrades Padres Fantozzi, Martina e Caimi, a fim de partir para a China, para a fundação daquela Missão”.

Pequim, 22.04.1926 – depois Yishien na Missão

Itália, Estigmas, 1936 a 1938

E.U.A, 1939 a 1945 – Missionário dos italianos (ligado à Itália)

Verona – A.M.B., 1946 a 1965

Verona, São Leonardo – (atacado de paralisia), 1966, onde faleceu aos 23.09.1973.

“Pe. Henrique foi um homem extraordinário. Viveu profundamente o “quocumque euntes” do Fundador. Desbravou Brasil e China e trabalhou na Itália e nos Estados Unidos. Rodou o mundo numa época em que viajar não tinha a comodidade de hoje.

Além do trabalho missionário e de apostolado fez um bem imenso com suas crônicas. Segundo confissão dos interessados, elas foram um despertar de vocações missionárias, raras naqueles tempos.

A afirmativa é feita por cartas do Pe. Ferruccio Zanetti, no Bertoniano. Vivia e atraía os outros. Creio que cabe muito bem a ele o “*contemplata aliis tradere*”.

Escreveu uma crônica daqueles primeiros anos, crônica enfeitada, talvez, pela sua cálida fan-

tasia, mas muito preciosa por mostrar a vida e o espírito daquele duro e entusiástico começo.

Pe. Adami parece não ser talhado para uma atividade metódica e planejada, na verdade quando o nosso trabalho no Brasil está bem fundamentado, e já se vislumbra um seminário próprio, Pe. Henrique é atraído por um novo ideal: uma Missão no Extremo Oriente.

Voltando da China em 1935, como representante dos Missionários ao nosso Capítulo Geral, Pe. Adami não tem mais disposição de voltar para a Missão. Porém, não lhe falta nem fantasia e nem disposição e ainda uma vez ele olha para longe, sendo inútil sua vida na Itália, onde os Padres são abundantes.

Parte para os Estados Unidos, onde fará uma série de pregações em nossas paróquias e outras comunidades, onde são numerosos os emigrantes italianos. A guerra o prende lá até 1946.

Envelhecido e desejoso de descanso, sua paixão missionária encontra novo campo de trabalho a serviço da Igreja. Durante quinze anos dedicou-se à pregação e animação missionária. A paralisia que o impediu de trabalhar há 15 anos, deixou-lhe,

porém completa lucidez espiritual, que o ajudou a esperar confiante, com o conforto da celebração da Missa e da fraterna amizade dos confrades até a hora de ir para Deus.

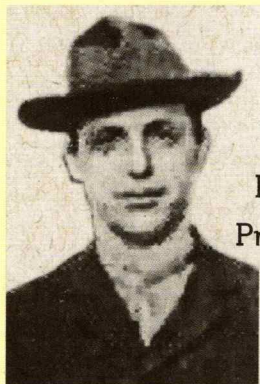
Pe. Enrique não era isento de defeitos. Recebera da natureza um caráter forte, como sua compleição física, que não conhecia limitação ou oposição, a expressão de linguagem colorida e viva, a resposta pronta e espirituosa, ainda que nem sempre delicada.

Mas a fidelidade quase escrupulosa, própria dos nossos antigos, às práticas religiosas, o sentimento de serena alegria que usava nas conversações, o trabalho apostólico cumprido com espontânea e generosa disposição, apagam as exuberâncias do caráter e o tornam uma figura de grande destaque”.

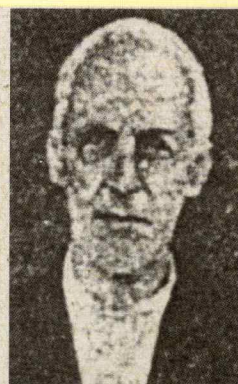
(N. M. Fascículo II – Vol. II – pgs. 460-461).

(Escreveu: VERDADEIRA HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO E PRIMEIROS PROGRESSOS DA MISSÃO ESTIGMATINA NO BRASIL, PELO PE. ADAMI, 1910-1925. – Publicada em NOSSA MEMÓRIA – Volume I – Fascículo I – páginas 01-118).

IRMÃO DOMINGOS VALZACCHI



Nasceu em Montenars, UD: 07.04.1868
Entrou em Verona: 08.06.1900
Noviciado em Verona: 1900
Primeira Profissão em Trento: 18.11.1901
Profissão Perpétua em Verona: 22.01.1905
Chegou no Brasil: 02.12.1910
Faleceu em Casa Branca, SP: 20.05.1945



Passou por Belo Horizonte, MG, Sete Lagoas, MG, São Paulo, SP.

Trabalhou sempre como sacristão.

No Brasil:

Tibagi, PR, 1911 a 1929-1931

Castro, PR, 1930-1931

São Caetano, SP, 1932-1939

Casa Branca, SP, 1944

Santa Cruz das Palmeiras, SP, 1945

Na Itália:

Verona, Trento e Piacenza

Normalmente os Irmãos só aparecem nas fundações das Comunidades e, nada mais.

É natural, porque sendo confrades que trabalham, praticamente dentro da Comunidade, não aparecem na tradição escrita. A tradição oral é rica na lembrança da vida e dos fatos dos Irmãos.

O que nos importa, é que os Irmãos, como o Irmão Domingos, foram sempre esteios da comunidade com suas orações e seus trabalhos.

É digno de nota que:

A Congregação foi fundada com dois Padres e um Irmão;

A primeira Comunidade fora dos Estigmas, os Abandonados, começou com um Padre e um Irmão;

No Brasil, 12 de nossas Comunidades foram fundadas, sempre com um Irmão: São Benedito, Campinas, SP, Itutiutaba, MG, Uberaba, MG, Casa Branca, SP, Ribeiro Preto, SP, Santa Cruz das Palmeiras, SP, Parada Inglesa, SP, Santa Cruz, Rio Claro, SP, Seminário na Fazenda Santana, Rio Claro, SP, Instituto-Campinas, SP, Chácara Capivari-Campinas, SP e Praia Grande, SP.

E... no Brasil temos o Irmão Roberto Giovannini, cujo início de Processo de Beatificação está em andamento, além de outros, que certamente são Santos.

“Era de caráter forte, severo, áspero, bondoso. Muito bom para viver em comunidade. Piedoso e trabalhador. Muito simples. Espirituoso.

No cargo de sacristão, que exerceu por quase toda a vida, mostrava seu amor à Igreja, mantendo-a sempre limpa e o altar bem cuidado. À noite, quando fechava a igreja, permanecia sozinho, por quase uma hora, em adoração ao Santíssimo Sacramento.

Muito ativo, tinha sempre um trabalho manual para fazer. Quando a Casa de Castro foi fechada, Ir. Roberto foi o encarregado de encaixotar tudo: livros, objetos, etc. Ir. Domingos comentava: “O mais importante para mim ele deixou lá: minhas ferramentas”. Tinha muita habilidade com elas. Todas as vezes que Pe. Ferrúcio perdia as chaves, ele estava sempre pronto para fazer outras.

Era muito caseiro e dificilmente saía. Convidado pelo Pe. Alexandre a passear em São Caetano (onde morava) respondeu: “Se for para ficar lá, eu vou; mas se for para ir e voltar eu fico aqui mesmo!” Sabendo disso Pe. Alexandre e Pe. Ferrúcio Zanetti iam visitá-lo todos os anos e ficavam recordando os primeiros tempos de Brasil.

Muito despreendido dos bens da família, recebeu, em certa época, uma carta dos irmãos consultando-o sobre a herança. Ele respondeu: “Vocês têm Moisés e os Profetas. Nem que um morto resuscitasse resolveria o problema. Eu estou morto. Resolvam vocês”.

(N. M. Fascículo I, Vol. II -- pgs. 344-346).

Irmão Domingos foi sempre muito lembrado e querido dos primeiros que o conheceram. Mesmo depois de velho, manteve a primeira promessa feita depois da chegada: nunca quis voltar para a Itália, nem para morrer!

PE. ALBINO SELLA



Nasceu em Laghi, VI: 28.10.1874
Entrou em Verona: 28.10.1886
Ordenado em Verona: 18.12.1897
Chegou ao Brasil: 03.11.1920
Faleceu em Ribeirão Preto, SP: 27.09.1944

Trabalhou:

No Brasil:

Rio Claro, SP, 1921 a 1934

Uberaba, MG, 1935 a 1941

Ribeirão Preto, SP, 1942 a 1944

Em Verona:

Pistoia (durante a guerra) e outros lugares com os nossos aspirantes.

“Chegou ao Brasil num momento crucial, quando os superiores já mandavam fechar a casa de Rio Claro e retroceder para o Paraná.

Apenas um ano depois lançava a primeira pedra de nossa Escola Apostólica e mais três anos passados iniciava o nosso Seminário, que floresceu, progrediu e formou mais de uma centena de Padres e dezena de Irmãos.

Homem de larga visão e fé profunda, muito lutou e sofreu pela Congregação no Brasil. Enfrentando com coragem os problemas foi até colocado no ostracismo. Mas... o que é de Deus sempre vence. E por isso, hoje, é considerado a “ALMA” na nossa Fundação no Brasil.

Criada a Visitadoria, foi o primeiro Visitador. Em 1935, houve uma reviravolta e Pe. Albino foi destituído e logo depois (1935) enviado como fundador da Casa e Paróquia de Uberaba.

Tendo que devolver o Seminário ao Sr. Bispo, foi comprado um terreno e logo iniciada a construção do atual Instituto de Ribeirão Preto. Pe. Albino com sua previsão extraordinária idealizou a construção e a construção de uma grande igreja onde só havia mato.

Pe. Albino não conheceu comodismo. Ainda jovem sacerdote, pelo seu amor à Congregação e pela sua pertinácia, teve muitas divergências de pareceres, que o fizeram sofrer e o acompanharam até o Brasil.

Pe. Albino, com sua vontade forte e decidida, com sua dedicação à causa de Deus, santificando-se a si mesmo e se imolando pelos outros, impõem-se à admiração de quantos o conheceram. É uma figura que deve ser estudada e apresentada como modelo às almas sacerdotais e religiosas.

Sua confiança na Divina Providência era grande. Resolvido a iniciar a construção em Rio Claro, faz com que os trabalhos comecem imediatamente, embora o capital em causa não ultrapasse a modestíssima soma de trezentos mil réis. Não desanima o bom padre, renega o amor próprio e vai esmolar. E no prazo de quatro anos um belo prédio de três andares abre suas portas para os primeiros aspirantes estigmatinos brasileiros.

Em Ribeirão Preto nos anos de 1941 a 1945 éramos pobres e vocações não faltavam. Pe. Albino dizia: “Se Deus nos manda meninos, com certeza Ele não quer que os coloquemos debaixo das árvores, então... vamos para frente com a construção”.

Uma frase típica de Pe. Albino: “As dívidas são uma bênção para os religiosos. Trabalha-se para pagá-las e, enquanto os frades trabalham, afastam-se do ócio que é o pai de tantas misérias”.

Os trechos seguintes são testemunhos do Pe. César Bianco:

“Pe. Albino era homem que não suportava as tergiversações nem nos superiores. Ele era Vigário-Provincial e na ocasião de assinar umas duplicatas o Provincial mandava o engenheiro ao ecônomo, o ecônomo ao Provincial, Pe. Albino me chama e diz: ‘Se o Provincial é louco, é meu dever de Vigário-Provincial substituí-lo. Vamos assinar estas duplicatas”.

“Eu guardarei este telegrama do Provincial, que aprova a construção do seminário (Ribeirão Preto). Tenho certeza de que aparecendo as primeiras dívidas, ele chegará aqui e dirá: parem, parem! Então esfregarei no nariz dele este telegrama que dá autorização para realização da obra”.

“Na construção da Escola Apostólica de Rio Claro, também deve ter recorrido às suas artes.

Creio que os superiores da Itália não queriam a construção, mas Pe. Albino encontra o modo de ir para frente: ‘Vejam, não somos nós que construímos, é o povo, são os fiéis’, e em cada janela estava gravado o nome do doador.

Pensava e dizia: “se o Superior estivesse aqui e visse a realidade, ele agiria como nós pensamos e agimos”.

(Nota do Pe. B. A. Bettini: Se for bem estudada a época, ver-se-á que não há nenhum desrespeito. A distância era grande, os meios de comunicação precários. E a situação política no Governo deixava muito a desejar. – Uma afirmativa do Arcebispo de Trento D. Carlos de Ferrari, comprova minha asserção).

(N. M. – Fascículo III – Vol. I – pgs 260-321 – Todo ele dedicado ao Pe. Albino, incluindo seu Diário).

PE. JOÃO BATISTA PELANDA



Nasceu em Verona: 04.09.1879
Entrou em Verona: 25.10.1902
Ordenado sacerdote-Verona: 21.10.1906
Chegou ao Brasil: 01.1914
Retornou: 10.05.1929
Faleceu em Trento: 25.08.1940

Trabalhou:

No Brasil:

Limeira, SP, 1916

Tibagi, PR, 1917-(6)1919

Rio Claro, SP, 1919-(06)1921

Castro, PR, 1922-1923

São Caetano, SP (retornou 10.05.1929), 1924-1929

Em Verona:

Udine

Parma, 1930-1931

Trento, 1932-1935

É preciso salientar a **IMPORTÂNCIA DO PE. JOÃO BATISTA PELANDA** no início dos Estigmatinos, no Brasil.

Quem ler inadvertidamente a crônica do Pe. Ferrúcio Zanetti, terá, talvez, uma idéia desabonadora do Pe. João, Pe. Ferrúcio magro como sempre, mostra-o um bocado negativo. Como sempre.

Porém, e agora, percebe-se que as coisas negativas tinha sua razão de ser. Devido a problemas de terrenos na paróquia de Tibagi, ficou mal visto por alguns e veio para Rio Claro, depois de junho de 1919. Bendita confusão!

Em 1919 Pe. Alexandre Grigolli vai para o Capítulo Geral e permanece na Itália. No Brasil (em Tibagi e em Rio Claro) só permanecem o Pe. Ferrúcio Zanetti, Pe. Henrique Adami, Pe. João Batista Pelanda e Ir. Domingos Valzacchi.

E em dezembro de 1919 chegou o momento crucial e decisivo pela nossa situação hoje no Brasil.

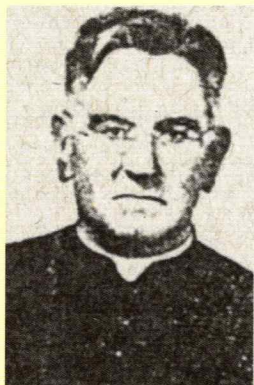
Acompanhemos Pe. Ferrúcio na sua crônica:

“Dezembro de 1919 – chega uma carta do Geral ao Pe. João, intimando-o a fechar Rio Claro e se recolherem os dois em Tibagi. – O escritor, que possui boa memória, pode referir aqui, quase “ipsis verbis” uma frase típica da tal carta: “não oponham objeção que foram examinadas no Conselho. É um papel feio, percebo: isto, porém, se apresenta como o inevitável. Sacerdotes para o Brasil não há”. Esta carta foi lida pelo escrevente, com permissão do Pe. João, numa viagem que fez a Rio Claro. Pe. João não acreditou no “INEVITÁVEL”, como também quem escreve: e movimentou mundo e fundo para esconjurá-lo. Sorte dele que conseguiu seu intento. Realmente enviadas cartas ao Geral, pelo Bispo, pelo Vigário e pelo Pe. Faustino Consoni, de São Paulo, a “INEVITÁVEL” decisão do Conselho desmoronou (bom para nós e para a Congregação”) tanto que nos primeiros dias do mês de março de 1920, uma carta do Superior Geral dá um começo de esperança, deixando prever a expedição de reforço”. (N. M. V. I – F. 1 – pgs 133-134)”.

De fato aos 03 de novembro de 1920 chegam os Padres Albino Sella, José Tondin e Cirilo Zadra, e o Ir. Carlos Valenti.

Graças à intervenção do Pe. João Pelanda, a Fundação brasileira começa uma nova etapa de crescimento e aperfeiçoamento.

PE. FERRÚCIO ZANETTI



Nasceu em Verona: 17.06.1881
Entrou em Verona: 07.11.1895
Ordenado sacerdote, Trento: 21.12.1904
Chegou ao Brasil: 07.12.1912
Morreu em Ribeirão Preto, SP: 20.07.1945

Trabalhou:

Em Verona:

Pavia;

Udine;

Piacenza, na pregação e ensino.

No Brasil:

Tibagi, 1913-1933

São Caetano, SP, 1934

Corumbá, GO, 1937

Rio Claro, SP, 1941

Ribeirão Preto, SP, 1944

Pe. Ferrúcio Zanetti foi sempre chamado o grande missionário. Missionário do Sertão: Tibagi bravo e Corumbá, GO brava. Nunca foi de ficar preso numa sacristia.

“De compleição robusta e caráter ardente, empregou tais dotes na defesa contínua dos fracos e desamparados, atraindo a simpatia das almas retas pela sua integridade e intransigência.

Pe. Ferrúcio era um tipo rude, rústico, determinado e sempre disponível para o trabalho missionário. Enquanto a saúde permitiu foi sempre um batalhador em todos os sentidos, tanto no trabalho físico (viagens, pioneirismo, etc.), como no trabalho espiritual.

Quem não conhece o Pe. Ferrúcio? Em março ele foi até Apucarantina, voltando no dia 11 de abril, após 35 dias de viagem.

Em maio ele vai até Jataí com o propósito de desvendar a zona “do outro lado” de Jataí, tentando

conhecer aquelas terras até a foz do Tibagi, no Paranapanema. Depois de mais de trinta dias, voltou sem ter podido passar “do outro lado”, que ainda continua com seus mistérios.

É conhecido o trabalho e o sacrifício heróico dos que fazem longas viagens pelo sertão, como o fazem os padres de Tibagi. Merece uma palavra especial o Pe. Ferrúcio, que para conservar Tibagi para a Congregação, comprometeu-se de fazer sozinho todas as viagens.

Em julho e agosto p. p. (1928), uma parte da paróquia de Tibagi foi visitada pelo Bispo D. Tadei, acompanhado pelo Pe. Ferrúcio... cheio de entusiasmo pelas capelas de Tibagi, sentiu a necessidade de fazer um elogio rasgado pelo zelo dos nossos padres, mas especialmente do Apóstolo do Casamento, Pe. Zanetti...

Segundo Pe. Fortunato Morelli, Pe. Ferrúcio evitou uma carnificina no Município.

Numa das regiões da paróquia havia um problema de posseiros, e o governo resolveu enviar a polícia para acalmar e resolver tudo.

Os posseiros, cientes da decisão do governo, armaram-se e se tociaram, à espera do que viesse.

Quando Pe. Ferrúcio ficou sabendo que em breve chegariam dois vagões com os policiais, correu a Curitiba para conversar com o chefe de polícia.

- Por amor de Deus! Não mande os soldados porque não volta ninguém. Os caboclos estão tociados e armados.

O chefe de polícia reconsiderou e dizia o Pe. Fortunato que foi evitada “uma strage” (uma carnificina).

Afirmam que o primeiro carro de Tibagi foi levado pelo Pe. Ferrúcio. De fato na sua crônica, do dia 28 de junho de 1920, diz: 'Pe. Ferrúcio, tendo ido "ad hoc" a São Paulo nos últimos dias, volta para Tibagi com um automóvel'. No passado teria sido um sonho, devido à falta de estradas. (Nota: quanto às estradas serem boas, era otimismo dele, pois dizem que muitas vezes o Ir. Domingos devia descer do carro com uma enxada e preparar o caminho).

Era um Ford de 03 pedais e 02 bigodes. Usou-o todo o tempo que esteve em Tibagi e quando foi transferido para Corumbaíba, levou-o consigo. O farol do carro era de carbureto. Levava horas de Corumbaíba até Caldas Novas, pois muitas vezes tinha que descer e controlar os mata-burros para a passagem. Finalmente quando saiu de Corumbaíba,

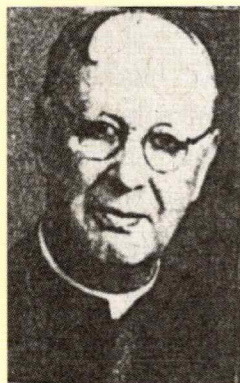
o forinho foi para Morrinhos, onde melancolicamente foi... desmontado.

Pe. Ferrúcio, nascido e ordenado em Verona, a cidade-mãe da Congregação, veio para o Brasil em 1912, tomando parte numa das primeiras levadas de missionários Estigmatinos. Faleceu no dia 20 de julho de 1945, em Ribeirão Preto, com 64 anos de idade e 50 anos de vida religiosa, legando-nos o exemplo de zelo operativo, encarnando em si aquilo que diz o Apóstolo: "Trabalha como um verdadeiro soldado de Cristo".

(N. M. Fasc. I – Vol. II – pgs 347-352).

(Escreveu: Crônica da Vida Estigmatina na América do Sul, pelo Pe. Ferrúcio Zanetti – 1910-1922 – Publicada em Nossa Memória – Fasc. I – páginas 119-137).

PE. JOSÉ TONDIN



Nasceu em Cembra, TN: 09.01.1879

Entrou em Verona: 06.11.1893

Profissão Perpétua, Verona: 07.10.1900

Ordenação – Verona: 19.09.1903

Chegou ao Brasil: 03.11.1920

Faleceu em Campinas, SP: 14.05.1967

Trabalhou:

Verona, 1904

Milão, 1905-1909

Udine, 1912

Piacenza, 1913

Pistoia, 1914

Verona-Trinità, 1915-1920

No Brasil:

Rio Claro, SP, 1920-1929

São Caetano, SP, 1930-1931

Rio Claro, SP, 1932-1934

Ituiutaba, MG, 1935-1937

Casa Branca, SP, 1938

Ribeirão Preto, SP, 1939-1940

Caconde, SP, 1941-1943

Campinas, SP, 1944-1946

Uberaba, MG, 1947-1948

Parada Inglesa, SP, 1949

Campinas, SP, 1950-1956

Uberaba, MG, 1957-1961

Ituiutaba, MG, 1962-1965

Campinas, SP (Chácara do Vovô), 1966-1967

"Apesar de rude, era alegre, contava piadas (sempre as mesmas), usava muitas expressões latinas e cultas. Nunca estava parado. Nas horas vagas, enquanto aguardava o momento de alguma coisa, tirava o alicate do bolso e partia para a fabricação de terços, cuja venda revertia muito em benefício

das vocações, zeloso no seu ministério, principalmente na assiduidade ao confessional.

Em 1913, foi com seu superior em Guaiasso na Suíça, na obra do Monsenhor Scalabrini e lá ficou por diversos meses.

Nunca havia pensado na Missão do Brasil. Convidado pelo Pe. Albino, pediu dois dias para resolver. Decidiu logo. Escreveu ao Superior Geral que estava disposto a cumprir a obediência. E o Superior Geral lhe respondeu: sua obediência é ir ao Brasil. Ele achava que o Brasil estava em toda parte.

Era Engenheiro, arquiteto, construtor, mesmo sem Faculdade.

Em quase todas nossas casas, logo no começo aparecia sempre a “varinha mágica” do Pe. José, “dando um jeitinho” nos fundos da igreja, e de lá surgia uma “casa paroquial”, incômoda sim, mas que não raro servia por muitos anos. Por exemplo: São Caetano e São Benedito, em São Paulo.

Em Rio Claro construiu não só o Colégio Santa Cruz, mas inúmeras outras casas, algumas das quais permaneceram por mais de 50 anos.

Em 1927 sua fama de “engenheiro” já havia saído de Rio Claro e da Congregação. Lemos no Bertoniano daquele ano (Supl. Ao n.4, p. 307): ‘Pe. Tondin vai a Casa Branca a 300 quilômetros, para onde se dirige de vez em quando, a fim de orien-

tar os trabalhos de restauração e término da igreja matriz”. E é importante frisar que, dessas viagens surgiu ao mesmo tempo uma vocação estigmatina: Pe. Mário Zuchetto.

De sua inteligência não estou em condições de falar com profundidade, porque era muito humilde e não gostava de se exhibir. Em matemática era um exímio conhecedor, sobretudo na parte prática, que lhe deu oportunidade de ser um construtor abalizado.

Foi sem favor, um grande benemérito de nossa Congregação no Brasil, dotando-a de um colégio modelo de três pavimentos, solidamente construído, obra perfeita de engenharia, que por sua solidez, quer na parte arquitetônica, e também pela disposição das repartições internas, que favoreciam o máximo de aproveitamento do espaço, sem prejudicar as condições educativas e pedagógicas dos internos. Aquele colégio foi o maior edifício de Rio Claro durante muitos anos. E lá se ergue imponente e venerando, passados mais de 60 anos!

Em 14 de maio de 1967, acaba de falecer um dos fundadores da Província e o construtor do primeiro Seminário Estigmatino, Pe. José Tondin”.

(N. M. Fasc. I – Vol. II – pgs. 425-432).

IRMÃO CARLOS VALENTI



Nasceu em Granarollo, Faenza	16.03.1885
Entrou em Verona	01.05.1911
Profissão Perpétua, Verona	01.11.1915
Chegou ao Brasil	03.11.1920
Retornou	06.1930
Morreu em Poggiomarino	21.10.1952

Trabalhou:

Em várias casas, especialmente nas Escolas Apostólicas, como cozinheiro e provedor. Durante a primeira guerra mundial serviu no front e manteve-se unido à Congregação. Logo em seguida veio para o Brasil.

Rio Claro, SP, 1921-1930

No início de 1930, foi com Pe. Cirilo Zadra para a Argentina, onde Pe. Cirilo permaneceu e ele retornou à Itália. Abril de 1930, “voltando do Brasil vem fazer parte desta Comunidade o Ir. Carlos Valenti como porteiro”. (1).

Gemona – Casa Generalícia – Trento e Poggiomarino de 1930-1952.

Se o Irmão Domingos Valzacchi foi o companheiro dos pioneiros no Brasil, Ir. Carlos foi o companheiro da segunda leva, que deu início à formação dos primeiros aspirantes e da fundação da Escola Apostólica, em Rio Claro, SP.

“Ativo e esperto foi o mantenedor da incipiente Escola Apostólica Santa Cruz e o esmoler para a construção do majestoso prédio.

Em 1926 inaugura uma caminhonete e com ela rodava todos os bairros de Rio Claro, SP e até mesmo de outras cidades como de Piracicaba, SP, em busca de alimentos. Alimentos para os aspirantes, e muitas vezes aspirantes junto com os alimentos.

Além dos pedidos fazia reza nas capelas, com pregação e tudo. Suas práticas eram baseadas em fatos e exemplos. Quase trinta anos depois de sua volta para a Itália, ainda era lembrado nas capelas do interior. Era chamado de “Pe. Carlos”. Dizem que sempre pregava de roquete e estola no braço. E sempre conseguia driblar para não rezar missa e atender confissões.

Ir. Benjamim ainda se lembra dele quando ia a Santa Olímpia. Todas as noites fazia um ser-

mãozinho, onde se entusiasmava a ponto de ficar vermelho. Ficou-lhe gravada na lembrança uma prática sobre o Filho Pródigo.

Substituíu muitas vezes os Formadores dos aspirantes.

Foi o primeiro a construir, com o auxílio dos donos dos terrenos (com escritura e tudo) uma estrada carroçável de Rio Claro até a Fazenda (via Corumbataí). Inaugurou-a com o seu “Santa Maria” aos 11 de julho de 1926, um mês antes da inauguração oficial pelas autoridades. Tinha exatamente 23 quilômetros.

Embora de saúde combalida, acompanhou nossos padres na nova fundação de Poggiomarino, onde foi surpreendido pela morte na noite de 21 de janeiro de 1952, e teve imponente funeral custeado pela Municipalidade”.

(N. M. Fasc. I – Vol. II – pgs. 357-358).

(1) Crônica da comunidade de Parma – B.2 – 1930 – P. 447.

Mais um Irmão que marca os fundamentos dos Estigmatinos na Terra de Santa Cruz.

Agradecemos ao Pe. Benedito Andrade Betini este trabalho de saudosa recordação.



A Fazenda Santana, em Corumbataí, SP,
foi adquirida em 12/11/1926

ENCONTRO DE ESTUDANTES E LEIGOS ESTIGMATINOS

Para festejar o Centenário da presença estigmatina no Brasil, desde o início, pensou-se em selecionar Músicas e Hinos alusivos a este evento. Momento propício foi o encontro de estudantes e leigos que as Províncias brasileiras prepararam em Luziânia, GO.

O Encontro Interprovincial dos Leigos e Estudantes Estigmatinos se realizou em Luziânia, GO de 04 a 07 de setembro de 2009. Este evento marcou o início das comemorações jubilares dos cem anos da chegada dos Estigmatinos em terras brasileiras. Estas festividades se estenderão até o final do próximo ano, com vários eventos programados.

Graças a Deus o Encontro, que se desenvolveu no âmbito da bicentenária paróquia de Santa Luzia, correu tudo bem, desde o acolhimento dos participantes até o desenrolar das atividades e de sua conclusão. Houve muita festa, muita alegria, bastante emoção, grande fraternidade e bons conteúdos apresentados pelos principais assessores Estigmatinos Pe. Jordélio Siles Ledo e Pe. Laudimiro de Jesus Bor-ges (Pe. Mirim).

Nos encontros diários foi possível recordar e re-velar a nossa história de fé, descobrindo os sinais do amor de Deus e ajudando a se colocar com confiança e determinação na mão de Deus.

Houve momentos para celebrar e dar graças a Deus pelo dom da vida e compartilhar da fraternidade, das experiências e esperança na comemoração festiva, que ajudou a fortalecer a identidade estigmatina e a renovar a comunhão e os projetos, durante as celebrações marcadas pelo espírito de humildade e fraternidade.

Surgiram boas ocasiões para manifestar a Deus a crença no carisma bertoniano, deixado à Igreja por São Gaspar Bertoni e que seus filhos continuam a difundir nos mais variados rincões.

Merece destaque a celebração de abertura, presidida pelo bispo diocesano D. Afonso Fiorese, o apoio da Prefeitura Municipal de Luziânia, na pessoa do Dr. Célio Silveira (Prefeito Municipal)

Merecem amplos agradecimentos e sinceros elogios todo o grupo, que organizou o evento, desde o atencioso acolhimento até os vários momentos de atividades para celebrações, palestras, alimentação, lazer e o fecho com grande brilhantismo.

Nos primeiros dias de setembro de 2009, a cidade de Luziânia se revestiu de um clima todo especial para receber professores, noviços, estudantes de Filosofia e leigos e leigas das duas Províncias brasileiras. Com a preparação dos responsáveis dos setores e a coordenação geral da Comissão



Estudantes e Leigos Estigmatinos atentos à explanação do Pe. Laudimiro durante o Encontro em Luziânia, GO.



Um momento do Encontro de Estudantes e Leigos Estigmatinos em Luziânia, GO.

Interprovincial para os Festejos do Centenário, este Encontro tinha como objetivo reunir pessoas que hoje participaram da história iniciada por três intrépidos missionários que, nos idos de 1910, aportaram no Rio de Janeiro, iniciando uma saga de grandes nomes e de grande importância. Aproveitando o feriado do Sete de setembro, as atividades foram desenvolvidas em vista dos grupos específicos, tendo também momentos comuns de reflexão, espiritualidade e celebração.

O Festival de Música foi um momento à parte. Ali estavam os participantes deste Encontro Interprovincial apresentando suas composições e torcendo por elas. Foram 48 canções inscritas, apresentadas no Salão Paroquial da Paróquia Santa Luzia, das quais sete foram selecionadas para compor o CD dos 100 anos. Todas as composições originais, referindo-se ao momento histórico da chegada dos primeiros missionários e exaltando a riqueza da espiritualidade inspirada na vida e no testemunho de São Gaspar Bertoni.

Os compositores fizeram todos cantarem: "Do coração de São Gaspar se acendeu uma luz". Um convite a reconhecer a graça de Deus concedida ao Brasil com a chegada daqueles três pioneiros, levando a cabo a missão de anunciar a Palavra em situações tão adversas.

Após a apresentação de todos os trabalhos, a Comissão apontou como vencedor o trabalho composto e apresentado pelo então noviço estigmatino Wenderson da Silva Nascimento. A composição foi esta:



Um momento mariano do Encontro dos Estudantes e Leigos Estigmatinos em Luziânia, GO.

HINO DO CENTENÁRIO DA CHEGADA

A dois de dezembro de 1910,
ao Brasil chegavam os Estigmatinos.
Deus lhes preparava uma grande missão,
levar a palavra, levar Jesus Cristo a esta nação.
Do coração de São Gaspar se acendeu uma luz.
São Cem anos de História e trabalho, projetos e luta.
Esta é nossa missão.

A missão começava em Tibagi-Paraná,
Onde eles se doavam ao povo da zona rural.
Enfrentavam estradas, sem medo e sem desanimar,
a pé, a cavalo, com sol ou com chuva ao destino chegavam.

O trabalho se expandiu, formaram-se padres e irmãos,
pra atender tanta gente sedenta do amor de Deus.
Temos duas províncias, Santa Cruz, São José,
seminários, paróquias, escolas, estamos lá onde Deus nos quer.

Hoje nós somos muitos, irmãos, padres, seminaristas,
leigos e leigas, devotos de todo lugar.
Somos apaixonados por esta Congregação.
Nós somos missionários, levamos Jesus em nosso coração.



MISSÕES EM TIBAGI-PR

Foi desejo das duas Províncias brasileiras que a celebração do Centenário da presença Estigmatina no Brasil começasse com as missões em Tibagi, PR. Para tanto, com a permissão do Pe. Néilson Bueno, atual pároco da Paróquia Nossa Senhora dos Remédios da Diocese de Ponta Grossa, um grupo de 45 missionários esteve por cinco dias naquela Paróquia exercendo o ministério missionário ONDE, PARA NÓS, TUDO COMEÇOU.

Os primeiros estigmatinos chegaram ao Brasil no dia 02 de dezembro de 1910. Depois dos percalços e desencontros, foram a Tibagi, ali chegando no dia 28 de março de 1911. Imaginamos o que poderia ser aquela pequenina e longínqua cidade no sertão do Paraná. Isso sabemos pelo relato do Pe. Henrique Adami.

Cem anos depois, voltamos àquelas terras, hoje não mais uma paróquia estigmatina. E que alegria: saber que ainda hoje, o nome de tantos estigmatinos ressoa na cidade. Uma rua contígua à igreja Matriz leva o nome de Padre Ferrúcio, como testemunhou uma senhora que por ele foi batizada: “um homem bravo, com um vozeirão”. Falava do Pe. Ferrúcio Zanetti.

Partimos de Campinas na noite do dia 27 e chegamos lá no dia seguinte, 28 de novembro de 2009, sábado, logo pela manhã. Após a Missa de Envio, fomos distribuídos pelas 33 capelas da Paróquia, englobando Cidade e Zona Rural, onde ficamos até a manhã do dia 02 de dezembro de 2009, quarta-feira.

Estando lá naqueles dias, nas celebrações da Eucaristia, nas visitas às famílias e na bênção das casas, no atendimento às confissões, o que sempre repetíamos era este refrão: DO CORAÇÃO DE SÃO GASPAR BERTONI SE ACENDEU UMA LUZ PARA O BRASIL. Não tivemos a preocupação de contabilizar dados, queríamos, sim, que aquele povo, ouvindo falar de São Gaspar Bertoni e da Congregação Estigmatina, ainda que pela primeira vez, participasse dessa nossa alegria. Voltar àquela

cidade, depois de quase setenta anos, era para nós voltar a sentir a sensação dos nossos pioneiros, que depois de tantas dificuldades e desilusões, naquele 28 de março de 1911, puderam gritar: Tibagi é nossa!

O dia 02 de dezembro de 2009 foi especial, solene. Estávamos todos na igreja Matriz. Às 10 horas, a Relíquia de São Gaspar Bertoni, que nos acompanhou todo tempo, saiu em carreta pelas ruas da cidade, em um carro do Corpo de Bombeiros, acompanhada dos Bispos estigmatinos Dom Moacir Vitti e Dom João Seneme e do Bispo Dom Sérgio Braschi, Bispo de Ponta Grossa, ainda com os nossos dois Provinciais Pe. Aparecido Neres Santana e Pe. Eriberto Xavier dos Santos. Carros, buzinas e fogos. Era a expressão da alegria e da fé de quem “confiou em Deus quando tudo parecia perdido”. A igreja Matriz ficou pequena para acolher os fiéis que ali foram celebrar a alegria dos 100 anos. Além das Comunidades da Paróquia de Tibagi, estiveram presentes também fiéis das nossas paróquias de Itararé, Guarapuava, Santo Antônio do Sudoeste e Marília, além dos padres, diáconos e leigos e leigas que já estavam ali desde o dia 28.

A Missa foi solene. Presidida por Dom Moacir, que na sua homilia recordou a coragem e disposição missionária de estigmatinos, que anteciparam no tempo o apelo que a Igreja hoje faz aos seus membros. Coragem de sair de sua terra natal e ir para o desconhecido levar o nome de Jesus. Dom Sérgio demonstrou uma imensa alegria em acolher os Missionários em ocasião tão especial e agradeceu o trabalho feito nestes dias.

Depois da Missa, a Paróquia ofereceu um almoço para mais de 250 pessoas. E assim, retornando às nossas Comunidades, voltamos com o desejo de continuar o trabalho, ali em Tibagi iniciado. Relembrar motivações, recriar a história. Temos certeza de que a coragem de Pe. Alexandre Grigoli, Pe. Henrique Adami e Ir. Domingos Valzacchi não foi em vão.



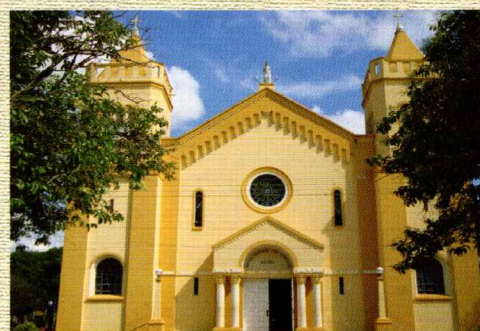
CHEGADA A TIBAGI, NO DIA 28 DE MARÇO DE 1911



A VELHA CASA DOS PRIMEIROS MISSIONÁRIOS EM TIBAGI, PR



CASA PAROQUIAL DE CASTRO, PR



ATUAL IGREJA MATRIZ DE TIBAGI, PR



CELEBRAÇÃO DA MISSA DAS MISSÕES EM TIBAGI, PR



FOTO COMEMORATIVA APÓS A CELEBRAÇÃO NA IGREJA DE TIBAGI, PR



A RELÍQUIA DO FUNDADOR QUE ESTEVE
PRESENTE NAS MISSÕES DE TIGABI, PR

MISSÕES EM CASA BRANCA

Como preparação a esse evento, no dia 15 de julho de 2010, o grupo missionário se reuniu na Fazenda Santana, para dois dias de oração e organização, antes de sair para Casa Branca. Casa Branca é uma cidade onde por mais de 50 anos estiveram presentes os estigmatinos. Três foram as finalidades dessa realização: Missões Populares, Comemoração do Centenário da presença estigmatina em terras brasileiras e relembrar a abertura do Processo de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Ir. Roberto Giovanni.

No dia 17 de julho de 2010, 60 missionários ingressaram na cidade, cantando “Do coração de São Gaspar Bertoni se acendeu uma luz para o Brasil”, e até dia 25, se dividiram pelas quatro paróquias. Du-



Procissão da entrada da celebração das
Missões em Casa Branca, SP

rante a semana, 1980 famílias foram visitadas e tiveram suas residências abençoadas; foram celebradas 105 missas, além de 45 celebrações temáticas; foram ouvidas 188 confissões e administradas 340 unções para enfermos.

Na avaliação final, os missionários consideraram como bastante positivo o resultado das Missões. Foram identificados alguns pontos negativos tanto na preparação como no desenvolvimento dos trabalhos, mas que, em linhas gerais, não interferiram no conjunto do que se pretendia realizar.

Essas Missões Populares, neste Ano do Centenário da chegada dos primeiros estigmatinos ao Brasil, nos levaram a viver um pouco mais daquilo que os nossos primeiros confrades experimentaram quando aqui aportaram. Isso porque, ao sentir que as Comu-

nidades que nos recebiam não estavam devidamente preparadas, nossos missionários perceberam que teriam de se valer de uma nova “criatividade necessária, sem que isso se tornasse uma improvisação no compromisso”. Foi uma estratégia que conduziu o empenho dos missionários a propor aos fiéis uma renovação do compromisso de fé ao Evangelho de Cristo.

Significativo foi o gesto da comunidade casa-branquense ao final das Missões: entrega ao Provincial de uma réplica da “casinha branca” que acolhia os tropeiros em sua passagem pela região e que deu nome a esta cidade; dentro dessa “casinha branca” havia uma mensagem: “Reverendíssimo Padre Provincial e Conselho. Sempre agradecida, a cidade de Casa Branca se recorda com carinho dos Estigmatinos e espera que os senhores revejam a possibilidade, de um dia, abrirem novamente uma Comunidade entre nós”.



Início da celebração das Missões em Casa Branca, SP

ACONTECIMENTO MARCANTE NO ANO DO CENTENÁRIO

As Províncias estigmatinas brasileiras, Santa Cruz e São José, programaram, do dia 02 de dezembro de 2009 a 02 de dezembro de 2010, as comemorações referentes ao Centenário da chegada dos primeiros estigmatinos ao Brasil, acontecida aos 02 de dezembro de 1910, mediante a vinda de Padre Alexandre Grigolli, Padre Henrique Adami e Irmão Domingos Valzacchi.

Doze dias depois do início destas festividades, aos 14 de dezembro de 2009, para alegria dos membros de ambas as Províncias, ocorreu um acontecimento marcante: a Congregação das Causas dos Santos declarava que “Nada impede” (“Nihil obstat”) que a Causa de Beatificação e Canonização de Irmão Roberto Giovanni fosse iniciada.

A partir dessa data, Irmão Roberto passou a ser intitulado: “Servo de Deus Roberto Giovanni”.

Em vista disso, aos 16 de março de 2010, no Salão paroquial da Paróquia-Santuário Nossa Senhora do Desterro, em Casa Branca-SP, o Tribunal Eclesiástico da Diocese de São João da Boa Vista-SP, oficialmente nomeado por Dom David Dias Pimentel, Bispo daquela Diocese, deu início ao “Inquérito Informativo”, para a Causa de Beatificação e Canonização do “Servo de Deus Roberto Giovanni”.

Durante esta sessão de abertura, os membros do citado Tribunal Eclesiástico, os Vice-Postula-

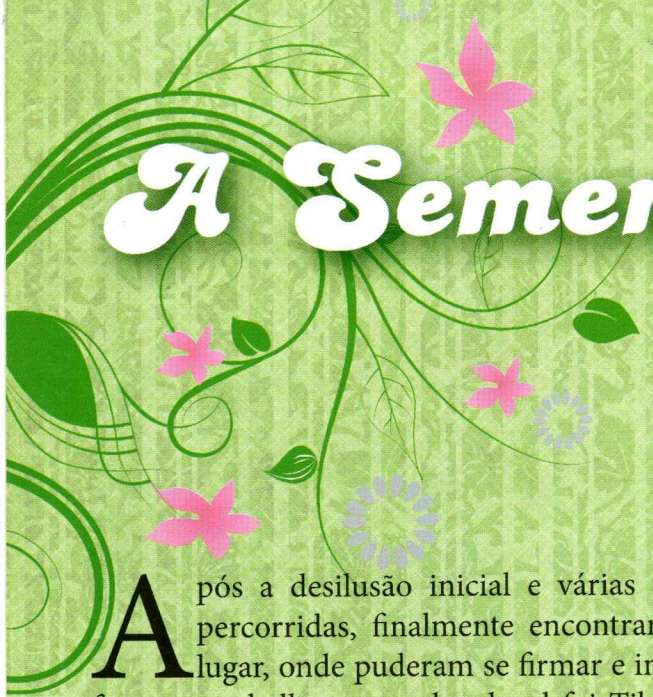
dores, a Comissão Histórica e a Comissão Administrativa, prestaram juramento, para conduzir o “Inquérito Informativo” com responsabilidade e meticulosidade.

Esse acontecimento marcante se deu em Casa Branca, porque o Servo de Deus Roberto Giovanni aí viveu por 52 anos, prodigalizando-se em atendimento e promoção humana e social a incontáveis casa-branquenses e romeiros vindos em visita ao Santuário Nossa Senhora do Desterro. Convém também lembrar que Casa Branca pertence à Diocese de São João da Boa Vista; daí, o motivo porque o “Inquérito Informativo” vai ser conduzido pelo Tribunal Eclesiástico daquela Diocese.

Estamos agradecendo a Deus por esse acontecimento auspicioso!

“Santíssima Trindade, que nos concedeis pelo santo Batismo, a graça de sermos herdeiros do Reino do céu, suplicamos a graça da Beatificação do Servo de Deus Roberto Giovanni, pelas virtudes heróicas, pelo testemunho cristão e religioso que nos deu. Virgem Santíssima, São José, intercedei para que possamos vê-lo glorificado em nossas altares. Amém”.

Padre Alberto Francisco Mariani-CSS
Vice-Postulador



A Semente Frutificou

Pinceladas sob sua bela ramificação

Após a desilusão inicial e várias estradas percorridas, finalmente encontraram um lugar, onde puderam se firmar e iniciar de fato um trabalho pastoral, o local foi Tibagi, PR, onde chegaram em 28 de março de 1911.

Em 09 de fevereiro assumiram também a paróquia de Castro no Paraná.

Com a chegada de alguns reforços vindo da Itália começaram uma nova busca para outra fundação, assim chegaram a Limeira, SP, em 1914. Após pequena desilusão partiram para Rio Claro, SP, onde chegaram a 05 de outubro de 1915.

Mas em dezembro de 1919 chega carta do Superior Geral, intimando o fechamento de Rio Claro. Quem conseguiu superar o difícil problema foi o Pe. João Batista Pelanda, com a ajuda do Bispo, do Vigário e do Pe. Faustino Consoni. Conseguiram evitar o inevitável. Isto foi confirmado com a carta do então Superior Geral Pe. João Batista Tomasi e com a vinda de nossos confrades dentre eles o Pe. Albino Sella, que pode ser considerado como o sustentáculo da fundação estigmatina no Brasil. Em 1923 é escolhido o Visitador Ordinário do Brasil na pessoa do Pe. Albino Sella, tendo como conselheiros o Pe. Fortunato Mantovani e Pe. José Tondin.

Confirma-se que a 06 de julho de 1924 teve início o Aspirantado de Rio Claro. A 03 de dezembro de 1925 começam a morar no Ginásio Santa Cruz. Para as férias de nossos estudantes foi adquirida a Fazenda Santana, que fica distante de Rio Claro uns 24 quilômetros.

No dia 15 de setembro de 1929 vários estudantes iniciam o noviciado em Rio Claro.

Em 1933 a casa de Castro foi fechada e no início de 1934 a casa de Tibagi foi entregue aos Padres Redentoristas da América do Norte.

No ano de 1935 tem início uma nova diáspora, com a abertura de casa em Ituiutaba, MG e Uberaba, MG. Em 1936 com a ida de Pe. Primo Scussolino para a cidade de Morrinhos, GO. Nossos padres ainda trabalhavam em Sales de Oliveira e Nuporanga.

Em 01 de janeiro de 1936 assumem a paróquia Nossa Senhora das Dores e o Santuário do Desterro, em Casa Branca.

Em março de 1937 Ribeirão Preto, SP passou a abrigar os nossos estudantes de filosofia e teologia.

Em agosto de 1937 Pe. Ângelo Pozzani entra em Goiás assumindo a paróquia de Formosa, que compreendia Planaltina, Cristalina e Santa Luzia.

No início de 1939 Pe. Alexandre Grigolli pensou em abrir uma escola em São Caetano do Sul e em março as aulas foram iniciadas, com 3 classes. A escola se chamou "Escola Particular São José".

Também no início de 1940 foi aprovado o pedido para abrir um colégio na cidade de Ituiutaba, MG.

Em 1940 Pe. Luís Maria Fernandes foi nomeado como visitador Ordinário e passa a residir em Casa Branca, SP.

No final de 1940 foi aberta a Casa de Ipameri, GO, com a presença de Pe. Ézio Gislimberti, Pe. Lázaro Noel de Camargo e Pe. Primo Scussolino.

Em 1941 houve a aceitação da Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho, no Alto da Mooca, SP.

Nossos padres ainda cuidaram de Caconde, SP e Tapiratiba, SP. Em 1941 os padres de Casa Branca passaram atender Santa Cruz das Palmeiras, SP.

Em 1941 a Cúria diocesana de Ribeirão Preto, SP pediu o prédio, onde funcionava o Seminário maior. Então foi comprada uma casa na Parada Inglesa em São Paulo para os teólogos. No mesmo tempo era iniciada uma construção em Ribeirão Preto, SP, num terreno pouco antes adquirido.

Em 23 de janeiro de 1944 foi ereta a Província Brasileira Santa Cruz, com sede em Rio Claro, SP. O primeiro Provincial foi Pe. Luís Maria Fernandes. Iº Conselheiro: Pe. Albino Sella; IIº Conselheiro: Pe. Osvaldo Missoni; IIIº Conselheiro: Pe. Lourenço Correr; IVº Conselheiro: Pe. Augusto Casagrande.

No momento a Província era formada por 12 Casas: Rio Claro, São Caetano do Sul, Campinas, Ituiutaba, Uberaba, Casa Branca, Morrinhos, Ribeirão Preto, Mooca, Caconde, Tapiratiba, Santa Cruz dos Palmeiras e Parada Inglesa. A Província estava presente nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás.

Em Janeiro de 1945 nossos padres assumem uma paróquia na cidade do Rio de Janeiro, Distrito Federal. Foi a Paróquia Santa Cruz.

Em junho de 1945 apareceu o primeiro número de uma Revista mensal intitulada “Ecos Estigmatinos” que circulou por longos anos, durante uns 18 anos, com uma tiragem de 20.000 exemplares.

No início de 1946 se realizou o Primeiro Capítulo Provincial.

Em março de 1946 nossos padres tomaram posse da paróquia Santo Antônio, em Marília, SP.

Em fevereiro de 1947 a Casa Provincial se muda de Casa Branca para Campinas, na casa de São Benedito.

Em 24 de julho de 1949 foi celebrada em Rio Claro a festa dos 25 anos da Escola Apostólica Santa Cruz.

Em 1950 Pe. Augusto Casagrande é eleito como Superior Provincial da Província Santa Cruz.

Em Ribeirão Preto, no dia 21 de junho de 1950 se deu a Fundação das Servas de Jesus Sacerdote feita pelo Pe. Luís Maria Fernandes.

Em 1950 é aceita uma paróquia na cidade de Barretos, SP.

Em 12 de junho de 1953 foi celebrado em Ribeirão Preto o Centenário da morte do Fundador Pe. Gaspar Bertoni.

Em setembro de 1953 fundação da casa de Tupaciguara, MG.

Em fevereiro de 1954 foi aberta nova casa estigmatina em Ituverava, SP. Em novembro de 1954 foi feita a abertura de uma casa estigmatina em Cafelândia, SP.

Em 29 de abril de 1956 teve início a fundação da Casa de Curitiba, PR, com a presença de Pe. Vítor Nardon.

Em janeiro de 1957 foi dada a posse a Pe. Antônio Amélio como pároco da Paróquia Santa Edwiges, Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro.

No dia 19 de março de 1957, festa de São José, foi iniciada em Ituiutaba, MG o pré-seminário, com a presença do Pe. José Maria Mayer.

Em 1957 foram aceitas paróquias em Palmeira e Porto Amazonas no Paraná.

Em 1957 Pe. Primo Scussolino foi escolhido para atender os candangos que trabalhavam na construção de Brasília, a nova Capital do Brasil, onde veio a falecer pouco antes da inauguração da nova Capital. Ele foi o primeiro pároco de Brasília.

Em 19 de outubro de 1959 é criada a “Visitação de São José”, dependente da Província Santa Cruz, compreendendo: Ituiutaba, Morrinhos, Uberaba, Tupaciguara e Brasília.

O Pe. Leopoldo Camargo foi eleito como o Visitador Ordinário.

O Instituto Estigmatino de Campinas, SP, iniciado em 1957, após difíceis trabalhos em 13 de fevereiro de 1961 começou a ser habitado.

Em 19 de março de 1961 foi celebrado o cinquentenário da chegada dos Estigmatinos ao Brasil, com grande solenidade celebrada em Rio Claro.

A 30 de julho de 1962, foi adquirido um terreno em Campinas, no Jardim Aurélia e foi batizada como Chácara do Vovô.

Em 1963, com a ida do Pe. Leopoldo Camargo para Roma como Conselheiro Geral é nomeado como Visitador da Visitadoria São José o Pe. Lauro Velloso Guimarães.

Em 19 de fevereiro de 1965 o Seminário São José de Ituiutaba é transferido para Morrinhos, GO.

Nas cercanias de Campinas foi comprada a Chácara Capivari nos idos de 1966, com a intenção de transformá-la em casa de retiros.

Em dezembro de 1966 nossos padres assumiram a paróquia Santo Antônio em Praia Grande, SP e tomaram posse oficialmente em junho de 1967.

Em janeiro de 1967, Pe. José Bazzon iniciou seu trabalho na paróquia São Sebastião, no Jardim América em Goiânia, GO.

Em março de 1967, o Pe. José Dias e Pe. Vicente de Paula Topan Picarelli tomaram posse da paróquia Nossa Senhora do Livramento, na Bahia. Isto aconteceu porque D. Hélio Paschoal foi escolhido como Bispo de Livramento de Nossa Senhora, BA. Ele foi o primeiro estigmatino brasileiro a ser nomeado Bispo.

Em 1968 foi também aceita a paróquia da Barra da Estiva, BA pelo pedido de D. Hélio Paschoal.

Em 18 de setembro de 1970 foi criada a Vice-Província São José. Foi eleito como Vice-Provincial da Vice-Província São José o Pe. Vicente Ruy Marot.

Em 16 de novembro de 1971 a paróquia de Tupaciguara foi devolvida ao Senhor Bispo e a casa fechada.

Em 1974 foi iniciado o Seminário de Goiânia, numa casa, na paróquia São Sebastião, no Jardim América.

Em fevereiro de 1978 tem início o Instituto de Filosófico da Chácara do Vovô, em Campinas, SP, com 20 universitários sob a responsabilidade de Pe. Mauro Montagnoli.

Em 27 de novembro de 1979 foi criada a Província São José. E no dia 21 de fevereiro de 1980, no final do Iº Capítulo Provincial Pe. Vicente Ruy Marot foi eleito o Iº Provincial da Província São José.

Em novembro de 1979 foi comunicada da Itália a aceitação da fundação estigmatina no Chile. A tomada de posse da paróquia Divino Redentor em Santiago se deu no dia 04 de maio de 1980.

Em 1983 a Província Santa Cruz assume uma paróquia em Santo Antônio do Sudoeste, PR.

Em fevereiro de 1984 a Província Santa Cruz assume a paróquia do Senhor Bom Jesus de Joáima, diocese de Almenara, MG.

Em abril de 1984 se deu o início do Seminário em Santiago do Chile.

Em 1984 é aprovada a Comunidade de Itararé, SP e em dezembro de 1984 os nossos confrades deixam definitivamente Barra da Estiva e a Província assumiu a região de Ituaçu, diocese de Livramento de Nossa Senhora, BA.

No dia 23 de janeiro de 1989 é iniciado oficialmente o Ano Bertoniano.

Em 01 de novembro de 1989, na Basílica de São Pedro, em Roma o Pe. Gaspar Bertonni foi canonizado pelo Papa João Paulo II.

Em 1990 foi iniciada uma casa estigmatina em Belo Horizonte, MG com o fim de preparar o estudo de teologia de nossos estudantes.

Em 1990 também foi aceita uma paróquia na cidade de Guarapuava, PR.

Em 1994 foi comemorado o jubileu de ouro da ereção canônica da Província Santa Cruz e também o jubileu de ouro da inauguração do Seminário de Ribeirão Preto.

Nesse ano de 1994 foram assumidas duas paróquias no Chile: Lolol e São Pedro de Alcântara.

Em 1995 a Província São José assume a paróquia Santa Edwiges do Rio de Janeiro, uma vez que a Província Santa Cruz decidiu retirar-se dessa paróquia.

Em agosto de 1996 é inaugurada a Casa de teologia de Santiago.

Em março de 1995 foi aceita pela Província São José a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em Villeta, no Paraguai.

Em abril de 1997 os padres assumem a Paróquia Santa Luzia em Vitória da Conquista, BA.

No ano de 2000 houve um acordo entre as Províncias brasileiras e a casa do Paraguai passou para a responsabilidade da Província Santa Cruz.

Nestes anos seguintes a Província Santa Cruz fundou novas casas em Ihéus, Salvador e Livramento de Nossa Senhora, com nova paróquia no Bairro do Taquari.

A Província São José penetrou em Palmas, TO e uma casa em Pirapora, MG e outra em Várzea Grande, MT.

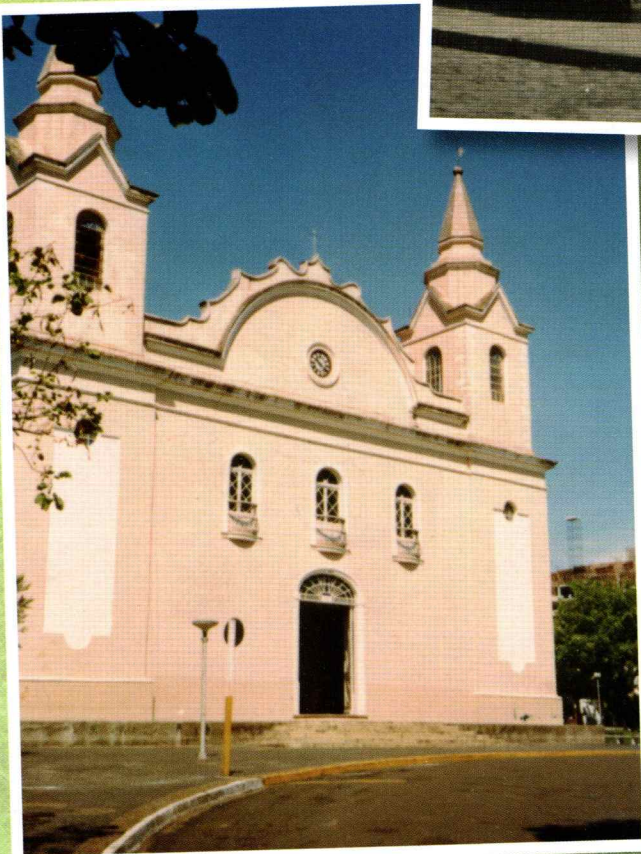
No ano do Centenário da chegada dos Estigmatinos ao Brasil temos duas Províncias Estig-

matinas: a de Santa Cruz, que abrange os Estados de São Paulo, Paraná, Bahia e os países do Chile e do Paraguai com as seguintes casas: Barretos, SP, Chácara do Vovô, Campinas, SP, Santa Edwiges, Campinas, SP; São Benedito, Campinas, SP, Fazenda Santana, Corumbataí, SP, Marília, SP, Praia Grande, SP, Ribeirão Preto, SP, Rio Claro, SP, São Caetano do Sul, SP, Itararé, SP, Mooca, SP, Curitiba, PR, Guarapuava, PR, Santo Antônio do Sudoeste, PR, Ihéus, BA, Ituaçu, BA, Livramento de Nossa Senhora, BA, Vitória da Conquista, BA, Salvador, BA. No Chile: Santiago, Lolol, Hijuelas, Iquique, El

Belloto. No Paraguai: Assunção e Villeta. A de São José que abrange os Estados de Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Palmas e Mato Grosso, com as casas de Goiânia, GO, Brasília, DF, Belo Horizonte, MG, Luziânia, GO, Morrinhos, GO, Palmas, TO, Rio de Janeiro, RJ, Uberaba, MG, Pirapora, MG, Várzea Grande, MT.

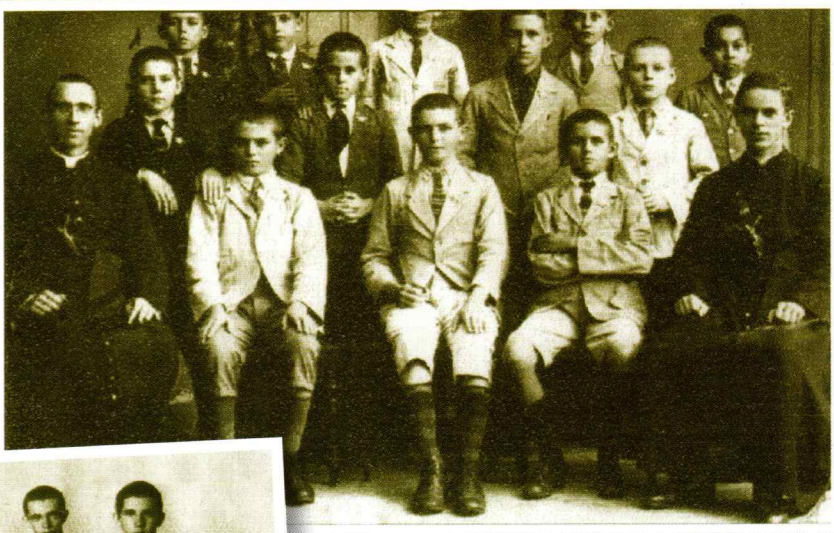
Esperamos que esta bela árvore bertoniana, fruto da semente lançada ao solo pelos pioneiros missionários estigmatinos, possa produzir muitos e bons frutos para a glória de Deus e viva efervescência apostólica no seio da Igreja.

ESCOLA APOSTÓLICA SANTA
CRUZ AO LADO DA IGREJA
SANTA CRUZ



IGREJA NOSSA SENHORA
DA BOA MORTE,
LIMEIRA, SP

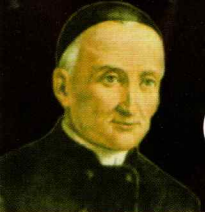
PRIMEIROS ASPIRANTES
EM RIO CLARO, SP E SEUS
FORMADORES: PE. LUÍS
PISETA (PE. LUÍS MARIA
FERNANDES) E PE. JOÃO
BATISTA CONSOLARO



EM PÉ: AMÉRICO CASELLATO,
BENEDITO FÉLIX, OSWALDO
CASELLATO, ESTEVÃO SPAGNOLI,
VALENTIM HEBLING, JOÃO CREPALDI
SENTADOS: AUGUSTO CASAGRANDE,
PE. FORTUNATO MORELLI,
LOURENÇO CORRER



EM PÉ: PE. JOSÉ TONDIN, PE. JOÃO MARIA LORIA,
PE. FORTUNATO MORELLI E IR. CARLOS VALENTI.
SENTADOS: PE. JOÃO BATISTA ZAUPA - SUPERIOR GERAL,
PE. ALBINO SELLA - (VISITADOR).
(N.B. O GAROTO SENTADO É LUIZ CECATO, O PRIMEIRO
ASPIRANTE MATRICULADO. É DO BAIRRO DA BOA VISTA,
DE RIO CLARO, NASCIDO EM 1911 E MATRICULADO NO
DIA 1º DE MAIO DE 1924.



CHANCELAS DE ESTIGMATINOS

Os Missionários Apostólicos, filhos de São Gaspar Bertoni trabalharam durante esses cem anos em inúmeros lugares do Brasil, onde deixaram marcas significativas de sua presença e atuação.

Queremos aqui ressaltar alguns desses sinais, na manifestação de tantas pessoas desses locais.

Várias Capelas foram dedicadas a São Gaspar:

Em Praia Grande-SP, nossos padres trabalham desde dezembro de 1966, há uma Capela dedicada a São Gaspar.

Em Ituaçu, BA, onde os estigmatinos estão presentes desde dezembro de 1985, também há uma Capela de São Gaspar Bertoni.

Na cidade de Itararé-SP, onde os estigmatinos trabalham desde fevereiro de 1976 existe uma Capela dedicada a São Gaspar Bertoni.

Em Guarapuava, PR onde os estigmatinos estão presentes desde março de 1990, há uma Capela de São Gaspar Bertoni.

Na cidade de Santo Antônio do Sudoeste, PR, onde os padres estigmatinos trabalham des-

de março de 1981, há uma Capela dedicada a São Gaspar Bertoni.

No âmbito da Paróquia Santa Cruz de Rio Claro, SP, onde os primeiros estigmatinos iniciaram sua labuta em outubro de 1915, quase cinco anos depois de sua chegada ao Brasil, lá também há uma Capela dedicada a São Gaspar Bertoni.

Em Livramento de Nossa Senhora, BA, onde os estigmatinos, encabeçado pelo primeiro Bispo estigmatino do Brasil, D. Hélio Paschoal, começaram seu trabalho apostólico em 1967, Há uma capela dedicada a São Gaspar Bertoni. Após mais de 30 anos de trabalho pastoral, deixaram a administração da Cidade de Livramento. Retornaram em 2006, no Bairro Taquari.

Em Luziânia, GO, onde os estigmatinos chegaram no ano de 1957 também existe uma Capela dedicada a São Gaspar Bertoni.

Há em Uberlândia, MG uma Paróquia dedicada a São Gaspar Bertoni. Também em Belo Horizonte, MG foi criada a Paróquia São Gaspar Bertoni.

RUAS, AVENIDAS E PRAÇAS

Em alguns lugares, onde os estigmatinos trabalham foram dados nomes a Avenidas, ruas e praças a São Gaspar Bertoni e a estigmatinos.

Vamos recordar algumas dessas homenagens:

Em Campinas-SP, no Jardim Aurélia encontramos a Avenida Padre Gaspar Bertoni e também a Rua Pe. José Anselmi.

Ainda em Campinas-SP e também no Jardim Aurélia uma Rua dedicada ao Irmão Pedro Bianconi.

Ainda em Campinas, no Bairro Sousas há uma Rua com o nome de Pe. José Luís Nagalli.

Em Ituaçu, BA, há uma Rua São Gaspar Bertoni.

Em Ribeirão Preto-SP, onde os estigmatinos estão há muitos anos, encontra-se a Rua São Gaspar Bertoni.

Na Cidade de Uberaba, MG se encontra a Rua Pe. Albino Sella.

Em Tibagi, PR, primeiro local fixo dos pri-

meiros estigmatinos chegados ao Brasil, temos a Rua Pe. Ferrúcio Zanetti.

Em Livramento de Nossa Senhora, BA encontramos Praça D. Hélio Paschoal, homenagem ao primeiro Bispo da Diocese.

Em Piracicaba, SP (Santa Olímpia) há a Praça Pe. Jacob Stênico.

Em Rio Claro, SP há a Praça "Santa Cruz – Irmão Roberto Giovanni".

Em Barra de Estiva, BA encontra-se a Rua Pe. Vergílio Zoppi.

Encontramos também a Rodovia Pe. Gino Righetti. É uma Rodovia Vicinal, ligando Itobi, SP a Vargem Grande do Sul, SP.

Temos ainda outras localidades onde foram prestadas homenagens a São Gaspar ou a vários estigmatinos.

TEMOS:

Memorial D. Hélio Paschoal em Livramento de Nossa Senhora, BA.

Escola Mun. Pe. Lino José Correr, em Casa Branca, SP.

Creche Pe. Lino José Correr, em Casa Branca, SP.

Creche Pe. Vitório Nardon, em Itobi, SP.

Creche Pe. José Bazzon, em Goiânia, GO.

Salão Paroquial Pe. Ferruccio Tribos, em Marília, SP.

Salão de Festas Ir. Cristovam Francisco Flores, em Casa Branca, SP (Desterro)

Centro Catequético Pe. Felisberto Camgagner, em Casa Branca, SP.

Centro Social Pe. Simeão Di Lernardo, em Rio Claro, SP.

Centro de Pastoral São Gaspar Bertoni, em Piracicaba, SP (Santana).

Centro Comunitário Pe. Antônio Bicho Filho, na Paróquia Nossa Senhora das Graças, em Goiânia, GO.

Colégio Pe. Vergílio Zoppi, em Barra de Estiva, BA.



CAPELA SÃO GASPAR BERTONI,
EM ITARARÉ, SP, 1997



CAPELA SÃO GASPAR BERTONI,
EM RIO CLARO, SP, 1999



CAPELA SÃO GASPAR BERTONI,
EM PRAIA GRANDE, SP



CAPELA SÃO GASPAR BERTONI,
EM SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE, PR

É BOM LEMBRAR NO CENTENÁRIO

1910 – 02 (05) de dezembro

Chegada desastrosa. Tapeados, sem dinheiro, confiantes.

108 dias se passaram até conseguir um local próprio. (Tibagi, PR, 28.03.1911).

Dezembro de 1919

Uma carta do Superior Geral, Pe. João Batista Tomasi quase faz fracassar a Fundação. Manda que os confrades de Rio Claro, SP se retirem para o Paraná. Felizmente tal não aconteceu. (N.M. p. 134).

Aos 03 de novembro de 1920, com a chegada do Pe. Albino Sella e seus companheiros, Pes. José Tondin e Cirilo Zadra e Ir. Carlos Valenti, começa a verdadeira radicação da Fundação no Brasil.

1931 a 1934 - “Este ano foi turbulento (1933). Havia um desencontro sério a respeito da economia entre o Conselho Geral e o Governo da Visitadoria. Também a respeito da formação havia alguns senões. Roma chegou até ameaçar represálias contra a formação no Brasil. O quiproquó foi aumentando com muitas discussões. Porém em junho, o Superior Geral, Pe. João Batista Zaupa, fez uma visita canônica e foram tomadas medidas drásticas, como a “deposição” do Pe. Albino Sella como Visitador Ordinário, e, a “eleição” (por Roma) do Pe. Fortunato Mantovani. Foi uma batalha perdida. Mas o final da guerra seria outro, e, este veio em 1934, com a eleição do novo superior Geral.

“Aqui é importante deter um pouco. O 23º Capítulo Geral, de 07 a 11 de maio de 1934, em Roma, elegeu no dia 09 o Pe. Bruno Chiesa como Superior Geral. Com outra mentalidade completamente diferente, ele deu uma forte guinada na Formação da Visitadoria do Brasil. Percebeu a importância dos anseios dos confrades daqui e ... ao invés de continuar mandando nossos estudantes para lá, toda a formação ficou por aqui, mais, ainda vieram estudantes italianos para terminar a formação teológica aqui. Assim quando se ordenassem, já estariam bem habituados para iniciar seu apostolado. Viriam também professores especializados, para com os daqui formarem o corpo docente de filosofia e teologia”.

PE. BRUNO CHIESA



★ 22.03.1887

† 14.07.1952

“Nasceu em Brunico, BZ aos 22 de março de 1887 e faleceu em Trento aos 14 de julho de 1952. Foi ordenado sacerdote em Verona aos seis de agosto de 1911. Foi aluno do Oratório de Trento e depois entrou como aspirante.

Apenas ordenado sacerdote destinado por algum tempo aos colégios de Verona e de Udine, mas depois aplicou sua atividade nas paróquias de Roma e de Milão, nas quais foi sucessivamente pároco e preboste.

Foi também um hábil pregador, bastante apreciado. Em 1934 foi eleito Superior Geral, e durante o seu sexênio deu UM NOTÁVEL IMPULSO ÀS FUNDAÇÕES NO BRASIL.

Retirando-se em Trento, dedicou-se ainda à pregação de exercícios espirituais e ao ministério das confissões.

Eleito Superior Geral aos 09 de maio de 1934, já no dia 22 de agosto chegava ao Brasil, o Pe. Luiz Benedetti com dois professores brasileiros que retornavam.

Aos 13 de novembro de 1935 fez sua primeira visita canônica no Brasil.

Elencaremos aqui as chegadas do reforço:

22 de agosto de 1934, Pe. Luiz Benedetti

06 de novembro de 1934, Pe. Vitório Nardon e Frederico Marasca com os professores italianos: Ézio Gislimberti, José Anselmi e César Bianco.

18 de janeiro de 1935, Professor Frederico Vettori.

31 de agosto de 1935, Pe. Artur de Vigili e professor João Missoni.

13 de novembro de 1935, Pe. Dionísio Martinis e Pe. Aldo de Madice com os professores italianos: João Avi, Guilherme Decaminada, José Pasquali e Modesto Nones.

23 de setembro de 1936, Pe. Ângelo Pozzani, Pe. José Dalvit, Pe. Luiz Eccli e Pe. Simão di Lenardo.

05 de maio de 1937, Ir. Vitaliano Stefanutto.

13 de janeiro de 1938, Ir. José Colli.

31 de agosto de 1938, Pe. Dario de Romedis e Pe. Sílvio Todeschi.

15 de outubro de 1939, Pe. Osvaldo Missoni e os Ir. Guido Brunelli e Ir. José Bissoli.

Um total de 13 padres, 04 irmãos e 09 estudantes.

CASAS FUNDADAS NA PROVÍNCIA NO SEXÊNIO

18.02.1935, Ituiutaba, MG

21.03.1935, Uberaba, MG

01.01.1936, Casa Branca, SP

17.05.1936, Morrinhos, GO

01.01.1937, Sales Oliveira – Nuporanga, SP

02.03.1938, Ribeirão Preto, SP.

19.08.1938, Formosa, GO.

E assim, graças à bondade de Deus e da intercessão dos Santos Patronos e do Santo Fundador, e à compreensão do Superior Geral, Pe. Bruno Chiesa, a Província Santa Cruz foi totalmente reforçada, e não parou mais de progredir.

Foto Tirada no Pátio da SS. Trinità – Verona em Outubro de 1934.



Sentados: Pe. Jacinto Largher, Pe. Bruno Chiesa, Pe. Vitorio Nardon.

Centro: Isidoro Stenico, João Crepaldi, Ezio Gislimberti, Osvaldo Casellato, Frederico Vettori, Lourenço Corrêa.

Alto: Carlos Masero, Antônio Olivieri, José Anselmi, Felisberto Campagner, César Bianco.

SINGELA HOMENAGEM



Da Itália zarparam para o Brasil.
Três bons missionários estigmatinos,
transportando no peito sonhos mil,
para espalhar os acordes divinos.

Foi bastante penosa e árdua a chegada,
Quando descobriram o triste engano.
Com ardor renovaram a empreitada,
colocando na mão de Deus seu plano.

Luz divina apontou-lhes os caminhos.
Tibagi foi a cátedra primeira,
mostrando a todos, mesmo com espinhos,
do Pai Bertoni a lídima bandeira.

Vieram depois outros companheiros,
trilharam uma impérvia e longa estrada.
E para formar futuros luzeiros,
em Rio Claro uma tenda foi armada.

Desse ninho estigmatino e apostólico,
Novos e destemidos missionários.
Fizeram reflorir o amor católico,
lutando como fiéis operários.

Vingou e vicejou a fecunda semente,
Pelo Brasil seus ramos espalhando.
Do carisma o bom olor não desmente,
Vendo os sazoados frutos brotando.

Brotou uma luz radiosa e fulgurante,
Do coração de Bertoni, em cascata,
Dando aos estigmatinos, neste instante,
Jubilosa alegria pela áurea data.

Cem anos desejamos festejar,
Alçando a Deus hino de gratidão,
Por esta dádiva tão singular,
Que enche de risos nosso coração.

Pe. Vergílio Zoppi, CSS



Oração a São Gaspar Bertoni

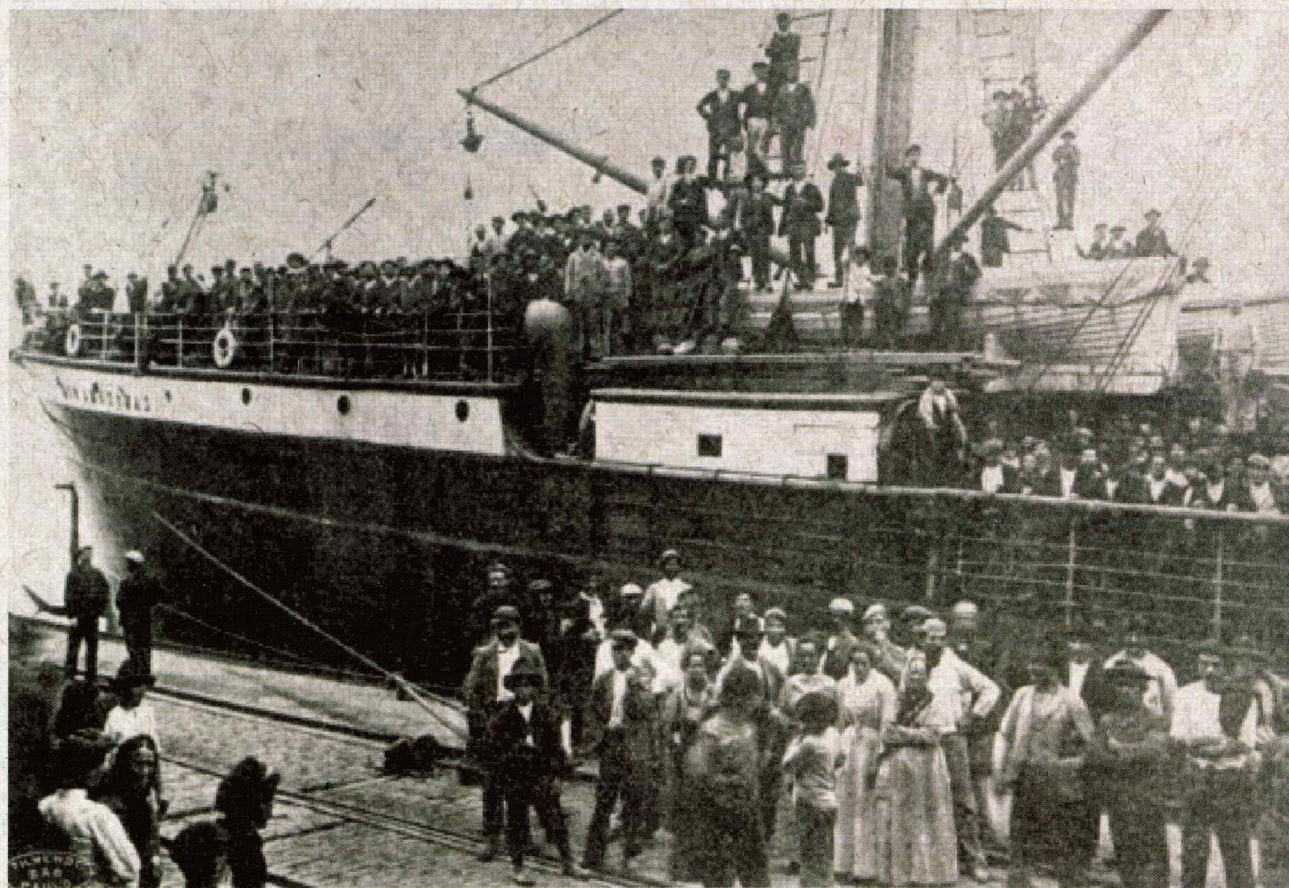
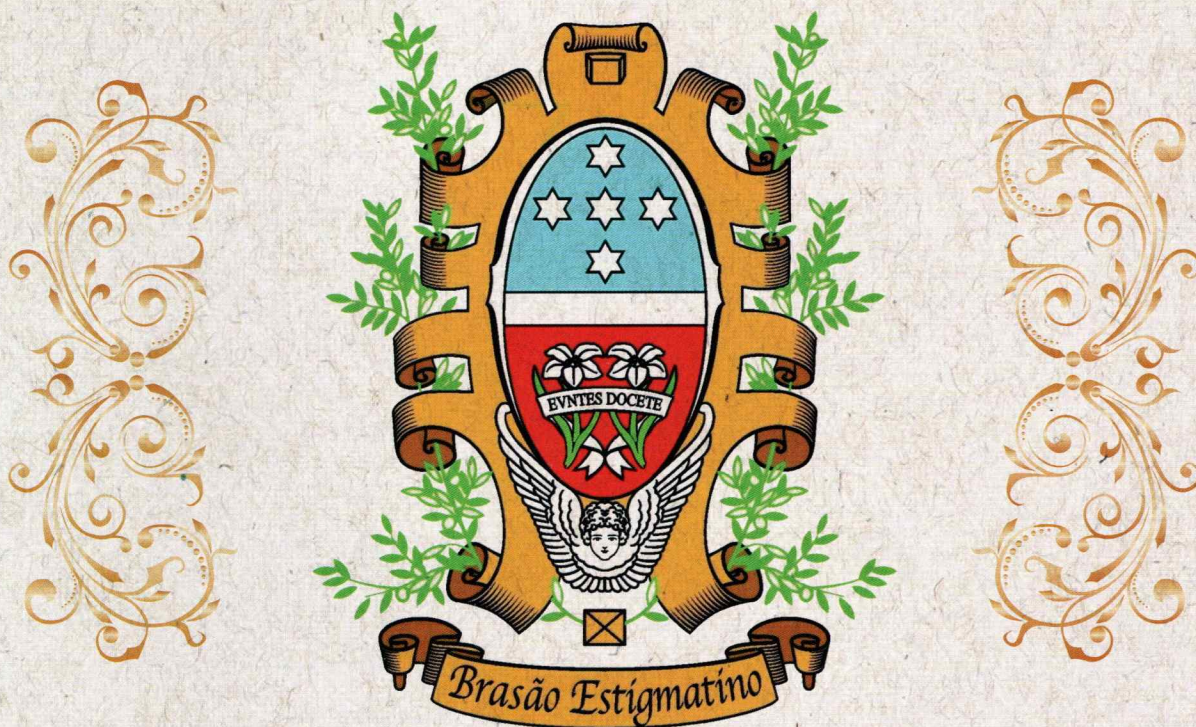


São Gaspar Bertoni,
que vivestes numa consagração generosa a Deus,
fazendo sempre Sua vontade
através do serviço ao povo,
à juventude e ao clero,
intercedei por nós junto ao Senhor.

Através da escola do sofrimento
soubestes imitar a Cristo,
que sofreu, morreu e ressuscitou por nós.
Pedi a Nosso Senhor
para que também nós saibamos nos doar aos irmãos,
unindo nossos esforços e sofrimentos
na oferta generosa
para implantarmos o amor e a justiça
na nossa família, na comunidade e na sociedade.

Alcançai-nos de Deus a graça ...
e, especialmente, a de atingirmos o objetivo
de nossa caminhada com Cristo.
Amém.

(Com aprovação Eclesiástica)



Um Sonho se Tornando Realidade!

REVISTA DO CENTENÁRIO



Província São José
Goiânia, GO.
Brasil.



Província Santa Cruz
Rio Claro, SP.
Brasil.

Rua C-137, Qd. 308, Lotes 8/9 - Jardim América
74275-060 - Goiânia, GO
Telefone: (0062) 3251.3848
Fax (0062) 3251.6773
Email: provinciasaojose@estigmatinos.org.br
Site: www.estigmatinos.org.br

Rua 09, 1670 - Santa Cruz
13500-220 - Rio Claro, SP
Telefone: (0019) 3522.3200
Fax (0019) 3522.3201
Email: curiaprovincial@gmail.com
Site: www.estigmatinos.com.br